

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 1.080 unidades habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida, Residenciais Jardim dos Ipês

Castanhal-PA, 1º de fevereiro de 2013

Boa tarde. Bom dia, boa tarde.

Eu queria primeiro quebrar o protocolo e vou cumprimentar a Cleidiane que falou aqui em nome dos moradores. Eu queria cumprimentar a Cleidiane cumprimentando a cada uma das moradoras, das mulheres que recebem as chaves e dos homens que recebem as chaves, sobretudo, das famílias. Porque o Minha Casa Minha Vida é um programa para a família, é um programa para que a gente possa garantir às famílias brasileiras que elas tenham um teto, mais que um teto, um lar onde criar seus filhos.

Queria cumprimentar aqui também o governador e agradecer as palavras bonitas que o governador me dirigiu, com as quais eu concordo. Governador Simão Jatene tenha certeza que eu tenho fé que este país só será do tamanho dos sonhos que todos nós temos para ele quando nós todos juntos tivermos a capacidade de empurrar este país com seus desafios imensos, continentais tão diversos, num mesmo rumo e numa mesma direção que é a direção do desenvolvimento e do bem-estar de todas as famílias, de todos os homens, mulheres, crianças e idosos que habitam este solo.

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham hoje nessa viagem: o ministro das Cidades, ministro Aguinaldo Ribeiro; o ministro da Segurança Institucional, o general José Elito; a ministra da Secretaria de Comunicação Social, a ministra Helena Chagas,

Queria dirigir um cumprimento especial à ex-governadora do Pará Ana Júlia Carepa, Dirigir um cumprimento aos senhores deputados federais aqui presentes. Agradecer a cada um dos deputados federais pela parceria. Que além dessa parceria entre o governo federal, as prefeituras e o governo do estado, nós temos também a parceria com os senhores deputados federais. Agradeço ao Asdrubal Bentes, ao Beto Faro, Cláudio Puty, Elcione Barbalho, José Priante, Josué Bengston, Miriquinho Batista, José Geraldo e Zequinha Marinho.

Dirijo um cumprimento especial ao prefeito Paulo Titan, aqui de Castanhal, e à primeira dama, a Liane Titan.

Cumprimento o prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho,

O presidente da Caixa, Jorge Hereda,

A Inês Magalhães, secretária nacional de habitação,

Cumprimento também o Milton Campos, vice-prefeito de Castanhal,

A vereadora Regina Abreu, presidente da Câmara,

O Mauro Menezes, coordenador estadual da União Nacional por moradia popular.

Ao cumprimentar também o Fernando Santiago, coordenador estadual do Movimento Nacional de Luta pela Moradia e o Paulo Cohen, coordenador da Central de Movimentos Populares e o Airton Favacho, coordenador da Confederação Nacional das Associações de Moradores, eu cumprimento essa ajuda que o movimento pela moradia em geral tem dado para a realização do Programa Minha Casa Minha Vida. Esses movimentos estão conosco, é importante que se diga, em todos os estados da Federação, o que tem sido

muito importante pra que a gente consiga realizar junto com os empresários, junto com os governadores e prefeitos, esse grande programa que é o Minha Casa Minha Vida.

Queria cumprimentar também os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Primeiro eu vou dar meus parabéns a Castanhal. Castanhal, essa jovem cidade de 81 anos de história, me recebe hoje aqui e eu fico muito feliz, também, de ser a primeira presidenta da República que visite Castanhal. O governador me disse que tinha nascido e vivido aqui, e aqui ele aprendeu praticamente as coisas todas da vida. E eu tenho certeza que hoje Castanhal daquela época, não é governador, para hoje, é uma cidade que cresceu. Que cresceu e se transformou numa das maiores cidades do estado do Pará. E como uma cidade é uma cidade, local onde moram as pessoas, onde vivem as pessoas, trabalham, estudam, são alegres, felizes, sofrem, eu queria dar os parabéns a cada um dos moradores e moradoras aqui de Castanhal.

Vocês não têm 81 anos. Eu estou vendo pelas feições jovens das mulheres e dos homens aqui presentes, principalmente das mulheres. Mas os parabéns são extremamente merecidos.

Essa entrega de moradias é para mim sempre um momento especial, porque um governo, ele tem de ser medido pelos compromissos com o seu povo.

No Brasil era muito difícil uma pessoa comprar uma casa, principalmente se uma pessoa ganhava o salário mínimo ou até menos que isso. Por que era impossível? Porque a conta não fechava de jeito nenhum. Quando a conta não fecha de jeito nenhum, só tem um jeito: o governo tem a responsabilidade de assegurar que as pessoas tenham acesso à casa própria. E foi isso que nós fizemos. Assegurar que as pessoas, os cidadãos, as brasileiras e os brasileiros que vivem neste país tenham direito de ter acesso à casa própria.

Por isso, o programa Minha Casa Minha Vida, ele assegura para a faixa de renda de até... familiar que ganha até R\$ 1.600,00, ele assegura que o estado brasileiro, o governo federal, ele cubra 90% a 95% - dependendo do valor da renda - o imóvel para que a pessoa dessa faixa de renda tenha uma moradia digna, onde possa criar seus filhos, ter suas amizades, ter segurança porque a casa dá segurança e, sobretudo, como eu disse para vocês que esse é um programa para a família, esse... e como na família - todo mundo sabe aqui que na família, em qualquer família - a mãe tem um papel fundamental, esse é um programa, também, que assegura às mães, que estão cuidando dos seus filhos, o direito de ter a casa em seu nome quando ela separar e o encargo dos filhos ficar para ela. Quando o encargo dos filhos ficar com o homem, o que não é o usual, mas ocorre, o imóvel fica no nome dele. Mas esse é um programa para a família, pra criança, pro jovem, pra mulher, sozinha ou acompanhada, que nesse país, nesse imenso país, é responsável pela maior riqueza que nós temos, que são os jovens e as crianças. Eu tenho certeza que essas famílias aqui hoje, nós estamos entregando essas chaves. Essas famílias, cada uma delas é dessas cinco que apareceram aqui e que representam as milhares, algumas já receberam, hoje estão recebendo umas, amanhã receberão outras. Que elas terão mais chances de ser felizes tendo a casa própria.

E eu tenho também certeza que, para quem faltou hoje a casa própria, eu quero dizer o seguinte: como é que é o trabalho entre nós aqui que estamos nesse palco. O governo federal com a Caixa, nós asseguramos para quem vai construir, sejam empresários,

movimentos sociais, nós asseguramos o dinheiro. Mas o dinheiro vai pra conta, quando ele passar para família, vai pra conta da família, porque é ela que paga, e o dinheiro é dela. Dinheiro aqui não tem outro dono que não seja a família, que é quem tem o direito a esse dinheiro.

Os municípios e os estados eles entram com uma contribuição importante. Eles garantem a infraestrutura, eles fazem o cadastro, principalmente os municípios. Cadastram as pessoas que são aquelas de mais baixa renda e que vão entrar no sorteio que a Caixa faz e vão ser selecionadas e receber sua casa. Ninguém, em lugar nenhum do Brasil, pode usar a casa própria para pedir qualquer coisa para o morador, porque isso é direito do morador. Ninguém, nem no governo federal, nem no governo estadual, nem no governo municipal, nem na empresa e nem em lugar nenhum, em canto nenhum, pode cobrar nada de quem tem a casa. Nada, porque este dinheiro, este dinheiro que nós usamos é o dinheiro do povo brasileiro, e, portanto, ele volta sob a forma de casa para o povo brasileiro.

Eu queria dizer para vocês que eu estou, aqui, extremamente emocionada porque acredito de fato que este é um dos melhores, mais abrangentes programas que o governo federal tem e que ele trabalha nessa questão terrível que é a desigualdade. Nós sabemos que as pessoas são diferentes. Perfeitamente. Agora, isso não significa que as oportunidades tenham de ser diferentes. Nós queremos, no Brasil, que as pessoas tenham as mesmas oportunidades. Em cada lugar que a gente estiver, quanto mais igualdade de oportunidades nós dermos para brasileiros e brasileiras - todos nós - mais desenvolvido será este país.

Por isso, eu quero dizer que para nós, nós só conseguiremos viabilizar nosso projeto com a parceria do estado e dos municípios. É muito importante ter parceiros.

Eu cumprimento o prefeito Paulo Titan – que vocês chamam de meu querido – ele já foi prefeito, mas agora é um recomeço. Eu quero dizer para o prefeito: o meu governo está determinado, prefeito, a realizar o máximo possível pelos prefeitos fazerem uma ótima gestão. E por isso eu gostaria, também, de pedir para o senhor – o senhor pediu para mim, e agora eu peço para o senhor – primeiro, eu queria pedir para o senhor que nos ajude a completar o Cadastro Único do Bolsa Família. Nós temos de cadastrar todas as famílias que vivem na extrema pobreza ou na miséria. Por que? Porque nós temos condições, nós brasileiros, de superar essa fase da nossa história de desigualdade que é ter ainda brasileiros vivendo ainda na extrema pobreza.

Hoje, 813 mil famílias aqui no Pará são atendidas pelo Bolsa Família. Mas, ainda nós já tiramos vários conjuntos, várias quantidades de pessoas da extrema pobreza, mais de dois milhões. Faltam ainda, pelo cadastro, em torno de cento e vinte e poucos mil que nós temos que completar a renda para que eles saiam da extrema pobreza. O que é a extrema pobreza no Brasil? São todas aquelas famílias que por pessoa da família ganham menos de R\$ 70. isso significa que, depois que acabarem esses cento e vinte e poucos mil, nós sabemos que ainda tem, mas que não estão cadastradas. Por isso, peço seu apoio, prefeito, para cadastrar, porque nós estamos chegando perto de poder levantar sobre os nossos pés, erguer a cabeça e dizer com orgulho: este país não tem mais, não tem mais, pobreza extrema.

Outro exemplo que eu queria também pedir a sua contribuição, prefeito, da atuação nossa em parceria, são as creches. É que tem uma porção de mulheres aqui presentes. Todo mundo sabe que pras mulheres trabalharem é preciso creche. Mas tem uma coisa que é importante a gente saber sobre creche e que muitas vezes não dizem pra gente. É o seguinte: é sabido pela ciência que as crianças pequenas elas precisam de estímulo pra aprender, precisam de ter acesso a livro, precisam de ter acesso a brinquedo, precisam de ter uma alimentação adequada, enfim, ela precisa de oportunidade desde pequenininha. E aí a creche é isso: é um local de oportunidades para as crianças. Nós queremos fazer creche para assegurar que a gente está ali mexendo na raiz da desigualdade. Nós queremos que uma criança das classes populares mais vulneráveis tenha acesso à mesma educação que os filhos da classe média e dos ricos. Por isso, o governo federal está fazendo duas coisas. Primeira coisa: está dando dinheiro para construir creches. Segunda coisa: como fica caro pro prefeito garantir a manutenção, nós asseguramos o dinheiro pra ele manter a creche. O que é que é isso? Contratar professor, pagar comida, ter os equipamentos, o chamado custeio, até que o Fundeb banque o custeio. Mas aí, prefeito, tem uma coisa a mais: se acresce ou para as pessoas, ou seja, aquelas pessoinhas pequeninhas, ou para elas, principalmente aquelas das famílias do Bolsa Família, de baixa renda, além disso nós entramos com mais 50%.

Então, nós queremos o auxílio das prefeituras todas, para que a gente cumpra uma meta importante para o Brasil: nós queremos construir 6 mil creches no Brasil. Aqui, Maranhão, o prefeito, inclusive, já fez duas. Nós temos mais nove que o senhor pode fazer aqui, prefeito, mais nove. Aqui no estado são 593 creches para o estado, das quais 161 creches já foram, já estão selecionadas e estão em condições de serem construídas ou em construção já.

Além disso, eu queria falar da importância das obras de saneamento, água e esgoto. Nós estamos também, aqui no bairro Jaderlândia, na expansão de oferta de água nos bairros de Usina, Imperador, Cohab e Milagres (falha no áudio) ... a colônia do Prado, onde vivem os hansenianos, muito, nós vamos ter de botar água lá, sim, até porque nas colônias de hansenianos neste país se praticou uma grande injustiça e uma grande infâmia.

Quero também destacar as 13 quadras, as 13 quadras... aliás, as 10 quadras que nós temos acordo para construir e as 13 quadras que estão em construção.

Queria também dizer que nós queremos uma grande parceria com o estado do Pará. Hoje, em saneamento, se não me engano, mobilidade e habitação, se somar tudo, nós chegamos a perto de 7 bilhões. Mas nós queremos fazer mais projetos com o governo, nós queremos produzir mais obras para melhorar cada vez mais a condição de vida do povo desse grande estado do país, que é o Pará. Eu e o governador combinamos um agenda em que nós vamos esgotar todos os problemas existentes e resolver uma parceria que eu acredito que vai mostrar que o nosso compromisso, compromisso do meu governo, é garantir a cada criança, a cada jovem, a cada adulto, a cada idoso, o conjunto de direitos que eles proporcionem cada vez uma vida melhor.

E eu queria encerrar dizendo uma coisa pra vocês. O Brasil, hoje, é um país que tem uma das menores taxas de desemprego de toda a sua história. Mas não é só da história do Brasil não. É também em relação ao mundo. Nós chegamos a 4,6%, que é considerada

uma taxa muito pequena de desemprego. Mas nós queremos que esses empregos que existem hoje sejam cada vez melhores. Por isso eu queria cumprimentar o senhor prefeito de Castanhal, Paulo Titan, pelas matrículas que nós realizamos aqui na formação profissional. Agradeço o prefeito porque curso técnico e profissionalizante é importante pro jovem e pro adulto. É importante porque melhora a qualidade do trabalho no Brasil, aumenta a capacidade do trabalho e aumenta também a renda no bolso do trabalhador.

Então, prefeito, por essa parceria que o senhor tem com o governo federal eu queria lhe agradecer muito e lembrar alguns dados sobre educação. Foram selecionados já alunos aqui para o “Ciência sem Fronteiras”, aqueles alunos que o governo federal paga pra estudarem nas melhores universidades no exterior. Mais de 300 são paraenses. Além disso, eu queria lembrar que eu acho muito importante que são essas 27.700 vagas do Pronatec, das quais 1.800 são do senhor. Queria lembrar também que no “Caminho da Escola” nós estamos ofertando aqui 1.100 ônibus escolares, 203 lanchas para transportar estudantes e 9 mil bicicletas e capacetes para estudantes que moram em regiões mais remotas poderem acessar sua escola.

Mas uma coisa eu queria lembrar, aproveitando essa reunião e os prefeitos aqui presentes: nós estamos discutindo, prefeitos, para as cidades menores de 50 mil, retroescavadeiras, motoniveladoras, que eu acredito que é muito importante. Porque principalmente em regiões onde existe produção agrícola, as estradas vicinais são fundamentais, por elas passam os alimentos que vão para a nossa mesa, os ônibus escolares, as ambulâncias do SAMU, enfim, por elas passa tudo. Então, os prefeitos podem se cadastrar para esse programa, que receberão.

Finalmente, eu vou encerrar dizendo que eu volto, eu volto. Eu volto, eu quero voltar lá em Belém. O governador me deu uma boa notícia. Nós tínhamos dificuldade de construir em Belém, porque não tinha terrenos. O governador me disse há pouco que ele desapropriou o terreno. Então, agora, nós vamos fazer um grande programa lá em Belém. Com isso eu estou me comprometendo, pelo menos, para o lançamento desse Programa retornar. Mas quero retornar também para outros momentos aqui no estado, porque este é um estado que cresce, que atrai empregos, que tem grande, grande riqueza natural. Eu estarei aqui novamente.

E quero dizer o seguinte, quero dizer o seguinte: uma vez eu já estive aqui, por ocasião do Círio de Nazaré, eu estive, participei daquela festa extraordinária, aquela festa da corda. Eu estive aqui em 2010, eu não era presidente, nunca estive aqui como presidente. Mas hoje nós, conversando, eu fui mais uma vez convidada para vir aqui, e aceitei. Eu fiquei, aquela vez, muito impressionada com a corda, eu estava muito perto e, cada vez que a corda vinha, eu falava: vão bater, vão bater, vai ficar metade no chão, e não acontecia nada, o pessoal vinha e saía, aquela onda que a corda é.

Por isso, eu quero dizer para vocês que eu terei todo empenho em voltar aqui, no Círio de Nazaré.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 29 máquinas retroescavadeiras a municípios do estado do Paraná

Cascavel-PR, 04 de fevereiro de 2013

Eu queria começar cumprimentando, vou quebrar mais uma vez o protocolo cumprimentando do Dilvo Grolli. Vou cumprimentar o Dilvo Grolli por duas coisas: primeiro por uma questão, que eu acredito que ela é fundamental para o país, que é essa feira que coloca à disposição do Brasil inteiro o que há de melhor em tecnologia agrícola. Vou cumprimentar por essa organização. Mas eu queria também cumprimentar por uma coisa que é muito importante: pela beleza, pela organização e pelas flores. Eu acho que, quando se constroi com cuidado, carinho e beleza, é como se respeitasse, se mandasse uma força emocional muito grande para todas as pessoas que estão aqui dentro. Porque nós nos sentimos muito bem. Eu que estive lá em cima vendo as flores formando um mirante, a bandeira do Brasil e, além disso, ela tremulando – porque o cuidado está até nesse fato, ela tremula. Você olha de cima, ela está lá mexendo. Eu fiquei, de fato, emocionada.

Então, aqui nós conjugamos o que há de melhor. O verbo que nós conjugamos aqui é o verbo do desenvolvimento do nosso país. Então, queria cumprimentar o Dilvo Grolli. E, em nome dele eu saúdo todos os que o ajudaram a organizar com esse cuidado. Saúdo todos os expositores e todos os visitantes do Show Rural Coopavel. É de fato um show.

Queria cumprimentar o nosso governador do Paraná, Beto Richa. Um parceiro nessa tarefa que é levar o Brasil a novos patamares de desenvolvimento.

Também queria cumprimentar o prefeito de Cascavel, Edgar Bueno. Porque é de fato com os prefeitos aqui presentes, - aos quais eu acabo de entregar esta chave das 20 retroescavadeiras - é com eles, com os governadores do país, aqui o governador do Paraná e com a união nossa, que nós seremos capazes de alterar as condições tanto de produção quanto as condições sociais do Brasil. Eu cumprimento, então, o Edgar Bueno e todos os prefeitos.

Queria saudar os ministros que me acompanham aqui nessa querida visita ao Paraná, em especial a Cascavel. Queria cumprimentar a ministra paranaense Gleisi Hoffmann, da Casa Civil. Eu, em nome dela. Eu, em nome da Gleisi, agradeço as palmas. Queria cumprimentar o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro; cumprimentar o general do Gabinete de Segurança Institucional, José Elito.

Queria dirigir um cumprimento especial aos senadores aqui presentes. Primeiro à senadora Kátia Abreu, presidente da CNA. A senadora Kátia Abreu tem sido, de fato, uma parceira do governo no que se refere a todas as questões relativas ao desenvolvimento do agronegócio, da agricultura, da pecuária, da produção de proteínas no nosso país.

Queria dirigir um cumprimento especial também a um senador que nos acompanha, que é o senador Blairo Maggi, que foi governador do Mato Grosso e que tem sido um exemplo para todos os produtores do Brasil, pelo fato de honrar o nosso país na medida em que produz uma das questões... aliás, produz não só soja, mas produz uma das questões estratégicas para o país, que é o fato deste país nosso ser uma referência na área de alimentos, na área de proteínas. Isso nos dá, necessariamente, junto com a questão da

energia, do petróleo, do gás, nos dá uma grande vantagem estratégica. Por isso, eu queria cumprimentar o senador Blairo Maggi.

Cumprimentar dois grandes parceiros no Senado da República, porque essa parceria que fazemos com esses senadores, ela é crucial para o desenvolvimento do Brasil e o desenvolvimento do Paraná. Esses dois senadores são pessoas que têm nos ajudado ao longo desse meu governo desses dois anos. O senador Acir Gurgacz e o senador Sérgio Abreu.

Quebrando, também, o protocolo, a ordem do protocolo, eu queria cumprimentar um ex-senador, Osmar Dias. Que eu tenho muito orgulho de ter no meu governo como vice-presidente do Banco do Brasil, que é o banco dos agricultores.

Querida cumprimentar o deputado federal Nelson Padovani. Deputado Nelson, também eu agradeço pela parceria na Câmara Federal.

Cumprimentar o vice-prefeito de Cascavel, Maurício Querino Teodoro, Cumprimentar o presidente da Câmara Municipal, Márcio Pacheco,

Cumprimentar meu querido companheiro, diretor-geral da Itaipu Binacional, Jorge Samek, Cumprimentar o presidente do Incra aqui presente, Carlos Guedes, Querida cumprimentar e, em nome dele eu queria explicar por que ele não está aqui, o ministro do Ministério do Desenvolvimento Agrário, ele teve que fazer uma intervenção cirúrgica pequena, mas ele teria de fazê-la, por isso ele não está aqui. Então, em nome do ministro eu quero cumprimentar o Walter Bianchini, que é o secretário nacional da Agricultura Familiar.

Querida cumprimentar também o Ademir Mueller, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no estado do Paraná – Fetaep, O Neveraldo da Silva Oliboni, representante da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras – Fetraf, O Luiz Possamai, presidente da União das Cooperativas da Agricultura Familiar e da Economia Solidária, a Unicafe,

Uma saudação especial aos integrantes do grupo Viola da Terra. É outro cuidado que é importante e que o show, aqui, representa, de uma forma maravilhosa,

Querida cumprimentar os senhores jornalistas, queria cumprimentar as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas aqui presentes,

Um abraço a todos os prefeitos.

E gostaria de dizer que para mim é uma grande honra estar aqui nessa 25ª edição do Show Rural da Coopavel. Eu sabia que este evento, antes de chegar aqui eu sabia, a minha informação era que este evento mobilizava uma quantidade expressiva de produtores e que tinha muitos visitantes, e que era o que havia de mais avançado e melhor, no que se refere à apresentação de novidades tecnológicas do setor agrícola.

Minhas expectativas foram superadas, como eu disse para vocês. Eu vejo uma organização grandiosa, eu vejo uma organização cuidadosa, eu vejo uma movimentação, uma energia, eu vejo trabalho, eu vejo empreendedorismo. Por isso, para o Brasil, eu fico muito feliz de estar aqui, levando essa imagem para todo o Brasil.

Eu fui convidada a comparecer à próxima edição e eu queria divulgar para os senhores que a mim disseram que, além dessas imensas apresentações que levam todas as indústrias de máquinas e equipamentos agrícolas terem estandes aqui, mostrarem o que há de melhor na sua produção de máquinas e equipamentos com tecnologia moderna, também me disseram que vai ser muito bonito porque terá uma apresentação, em vez das

flores que estão aqui, serão rosas. E isso - sem dúvida nenhuma - eu espero que eles consigam superar a beleza de agora.

Eu acho que aqui nós praticamos uma receita vencedora que é fazer com que toda a nossa vantagem cooperativa de solo, de qualidade do nosso produtor, se some ao que há de mais avançado tecnologicamente. Essa é – eu diria – a grande receita de sucesso da agricultura brasileira. Essa receita de sucesso, que é juntar a nossa capacidade de trabalho, o nosso empreendedorismo, as nossas vantagens naturais ao que há de mais moderno em tecnologia, é uma receita que o Brasil todo hoje procura adotar, não só na área agrícola. Mas é uma receita de sucesso, uma receita vencedora. E foi ela que nos transformou na potência agrícola que nós somos hoje.

A Coopavel, quando ela faz essa organização, ela ajuda a divulgar esta receita. Ela ajuda a evidenciar que aqui está uma das explicações para o fato do Brasil ser extremamente competitivo, chova ou faça sol, no que se refere à produção de alimentos.

Por isso, também é muito importante reconhecer o vigor e a capacidade da agricultura do Paraná. Essa capacidade, esse vigor, essa pujança são inquestionáveis. E dois números... eu tive acesso a dois números que mostram muito bem esse fato. Às vezes os números ilustram bem o que a gente está falando. Primeiro, a safra de grãos do Paraná, neste ano, deve ser 12% maior que no ano passado. E o Paraná deverá responder por 19% da produção recorde de grãos estimada para o Brasil nesta safra. Esses dois números mostram uma grande força. E, todo esse crescimento, combinado com uma agricultura cada vez mais sustentável - aliás, aqui no Paraná, eu tive acesso, há muito tempo atrás, a uma técnica que nós acreditamos ser uma das melhores técnicas de sustentabilidade que foi o plantio direto sobre a palha. E eu tenho certeza que aqui nós já temos 655 contratos de financiamento, no âmbito do Plano de Agricultura de Baixo Carbono. Portanto, o Paraná também é uma referência, não só nacional, mas internacional, para as práticas sustentáveis.

Eu considero que nós temos uma parceria cada vez mais intensa entre o setor agropecuário e o governo federal. E essa parceria se traduziu em várias áreas, em várias atividades, mas eu queria citar uma, que eu acho que é importante e estratégica e que tem tudo a ver com aqui, com esse Show da Coopavel, esse Show Rural da Coopavel, que é o fato de que nós construímos uma política de crédito, de juros baixos para máquinas e equipamentos, que agora nós estamos talvez na fase mais avançada dessa política. Nós começamos a fazer isso na época do governo do presidente Lula, agora nós chegamos a um ponto, com o PSI, que nós reduzimos de 5,5% para 2,5% os juros cobrados do financiamento. É inequívoco que sem financiamento é muito difícil você fazer com que os agricultores tenham acesso a máquinas e equipamentos agrícolas.

Eu queria lembrar que nós começamos isso há um tempo atrás, quando o MDA começou a fazer toda a sua política de oferta de máquinas e equipamentos agrícolas para a agricultura familiar. Quero, inclusive, reiterar que nós vamos, agora, ampliar essa política. Mas eu estava dizendo das medidas que nós tomamos para ampliar, para sustentar e para apoiar a agricultura. Porque o que nós temos de fazer é apoiar, nós não temos de fazer outra coisa, a não ser apoiar.

Eu considero que o plano agrícola e pecuário que, na safra de 2012/2013 chegou a R\$ 115 bilhões, é um exemplo desse apoio. No passado, R\$ 115 bilhões jamais era oferecido

para a agricultura. Nós, agora, com esses R\$ 115 bilhões, financiamos o custeio, a comercialização e os investimentos da agricultura brasileira.

Os recursos, a cada ano, eles vão sendo ampliados, porque a cada ano é maior a demanda, o que é importantíssimo que ocorra porque significa que nós estamos cada vez mais melhorando todas as nossas condições do investimento fruto do investimento na produção, melhorando nossas sementes, melhorando nossas práticas agrícolas. Enfim, esses recursos, eles só têm sentido porque eles visam diretamente quem? O grande, o médio... o grande e o médio produtor. O médio produtor, inclusive, foi muitas vezes esquecido nos programas. Nós, a partir de 2010/2011, começamos a focar no médio produtor, porque tinha programa para o grande, tinha programa para o pequeno, e o médio não tinha um foco específico para ele.

Uma outra questão importante é o fato de que nós também fizemos um plano para a agricultura familiar – um plano para a agricultura familiar – e nós destinamos R\$ 18 bilhões. Quando lançamos o plano para a agricultura familiar, que é o fortalecimento do Pronaf, mas também de assistência técnica e outros programas, nós dissemos: se gastarem os R\$ 18 bilhões – dissemos isso também no plano dos R\$ 115 bilhões –, se gastarem o dinheiro, terá mais. Se gastarem, o que gastarem nós cobrimos. Estamos oferecendo R\$ 115 aqui, R\$ 18 bi ali, tudo bilhão. O que os produtores conseguirem tomar para custeio e investimento, nós teremos disponível mais recursos.

Eu queria dizer que o Plano Agrícola, tanto o Plano Agrícola e Pecuário de 2013/2014 quanto o da Agricultura Familiar – e este ano nós anunciaremos ambos até maio – terão mais recursos do que este ano. Eu acho que o que marca esses planos são duas coisas. Primeiro, ampliação de recursos; segundo, aquela que eu já disse, que é a redução de juros, porque sem essas duas questões fica muito difícil para o produtor fazer face às suas necessidades, fornecer tanto para o nosso mercado doméstico como para o mercado internacional. E por isso eu reitero mais uma vez: continuaremos fazendo isso na próxima safra.

Eu queria lembrar que este ano a Embrapa faz um aniversário muito significativo, e a Embrapa, nós devemos reconhecer, faz... tem aqui no Brasil um papel fundamental. Ela representa algo que nós, brasileiros, temos de nos orgulhar, que é a capacidade de gerar tecnologia. Eu pretendo dizer para vocês que a Embrapa, nessa área de pesquisa, nessa área de adaptação de cultivares, de pesquisa, de produção, de inovações que o Brasil precisa, ela vai ser sempre uma parceira incondicional do produtor rural, e que nós estamos na reta final para construir a agência, uma agência que vai cuidar estritamente da assistência técnica, porque a assistência técnica é um desdobramento, você precisa de desdobrar esse conhecimento e levar ele a todos os produtores. Essa agência vai funcionar como uma extensão, um braço da Embrapa.

E, por isso, eu queria dizer para vocês que eu tenho certeza que a agricultura brasileira vai continuar sendo uma agricultura na fronteira da tecnologia no mundo, não aqui no Brasil, no mundo. E que nós temos imensa consciência do papel que a agricultura tem na economia brasileira, não só porque ela gera superávits comerciais, não é só por isso. Por tudo que ela engendra na agroindústria que ela é capaz de gerar, na produção de conhecimento, na inovação e na transformação do nosso país num país mais desenvolvido.

Então, vocês tenham certeza: produtores pequenos, produtores médios, produtores grandes, cada um da sua forma, mas todos eles empenhados no acesso à tecnologia de ponta. A tecnologia de ponta não é e não pode ser restrita a alguns, ela tem que estar em todos os setores da agricultura brasileira.

E eu tenho certeza que hoje há uma maturidade do setor, o setor tem maturidade, tem maturidade para enfrentar todos os desafios. As lideranças do setor, na área dos produtores, na área dos trabalhadores, elas hoje têm uma compreensão da importância que é para o Brasil o desenvolvimento simultâneo dos diferentes tamanhos da propriedade.

Eu queria também ressaltar, finalizando, uma outra forma de apoio aos agricultores, que é o que nós fizemos há pouco com os prefeitos. O governo resolveu ter uma política para os prefeitos que está ligada também à questão agrícola, não está ligada só à questão agrícola, mas também está ligada à questão agrícola.

Hoje nós estamos entregando, aqui, 29 máquinas retroescavadeiras. Com elas, nós chegamos a 95 máquinas, e ainda nós entregaremos mais 188 até o final do ano, além das motoniveladoras. A decisão do governo federal que foi, inclusive, expressa na reunião dos prefeitos é que todos os prefeitos de municípios menores de 50 mil habitantes... são quase 90% dos municípios; 89, qualquer coisa; 90% dos municípios no Brasil são menores que 50 mil habitantes. Para todos esses prefeitos nós entregaremos uma retroescavadeira e uma motoniveladora, todos.

E aí eu queria também falar para os senhores que nós estamos fazendo um estudo para completar essa dupla: motoniveladora e retroescavadeira. Eu já ia falar “motoescavadeira” e “retroniveladora”. Bom, uma motoniveladora e uma retroescavadeira. Nós vamos completar também com um caminhão caçamba. Só que o caminhão caçamba nós começaremos a entregar mais para perto da metade do segundo semestre. Primeiro nós entregamos motoniveladora... começamos a entregar as motoniveladoras de forma mais maciça até dar tempo de receber caminhão caçamba.

Bom, para quê tudo isso? O que nós queremos é atacar estrada vicinal. A gente sabe que as estradas vicinais são que nem aquelas nossas veias menores, tão essenciais para irrigar as maiores. Sem as pequenas nós não temos uma irrigação correta do organismo. É a mesma coisa com estrada vicinal. Por ela passa o caminhão do leite, por ela passa o ônibus escolar, por ela passa, sem sombra de dúvida, toda a produção agrícola, toda a produção de proteína animal. Então, é fundamental, para a gente ter uma agricultura sólida, que essas estruturas das estradas vicinais estejam, de uma certa forma, mais bem acabadas, mais bem estruturadas.

Por que optamos por municípios abaixo de 50 mil? É simples, é porque os municípios maiores têm mais recursos. Os municípios menores, eles têm de ter o olho maior do governo para que se possa ter acesso a uma melhoria. É uma questão que, sem sombra de dúvida, é mais fácil para esses municípios maiores ter acesso a uma motoniveladora, a uma retroescavadeira e a um caminhão caçamba.

Por isso eu fico muito feliz, senhores prefeitos, de estar aqui hoje com os senhores, e eu tenho certeza que essa relação entre os governos – o governo estadual, o governo das... os prefeitos, o governo federal – com a agricultura e a pecuária, isso é um estímulo para o Brasil. Isso é a base de um crescimento sustentado em que todos nós pegamos juntos e

levamos para frente todo esse processo de produção, distribuição e comercialização, e também de inovação.

Hoje eu fiquei muito impressionada aqui na Feira com... o Dilvo ficou me mostrando uma série de equipamentos para agricultura familiar, que mostra a imensa possibilidade que nós temos, na nossa agricultura familiar, de aumentar a sua eficiência, a sua produtividade, porque tem equipamentos dimensionados para uma pequena propriedade, tanto no que se refere à pecuária como no que refere à agricultura.

Por isso eu queria dizer para vocês que o nosso país vai continuar apostando nessas parcerias, não só a parceria com o segmento privado do país, mas essa parceria também entre nós, entes da Federação. O tempo, de fato, em que o Brasil... o governante olhava para o governador ou para o prefeito perguntando de que partido ele era, esse tempo passou. Hoje eu posso falar pelo tempo que eu estou no governo como presidenta e também pelo que eu passei junto com o presidente Lula como ministra da Casa Civil e de Energia.

Nós não... jamais olhamos para a opção política, para a opção religiosa, para a opção esportiva também do prefeito ou do governador. Isso não pode ser critério para que nós façamos ou não parcerias. Por que é que não pode ser? Porque quem nos elegeu – que elegeu a mim, elegeu aos prefeitos e elegeu ao governador – tem um nome só, não tem dois. Tem um nome: é o povo do nosso país, os brasileiros e as brasileiras. É uma visão absolutamente patrimonialista e oligárquica achar que o Estado ou os recursos do Estado pertencem ao governante. Eles não pertencem ao governante, eles pertencem ao povo deste país e é para ele que nós temos de olhar. Por isso eu fico muito feliz de fazer várias parcerias aqui com o governador e com os prefeitos, além dessa das retroescavadeiras.

Eu queria falar de duas parcerias que eu vou pedir... aproveitar para pedir o apoio dos senhores. Queria falar sobre a parceria com os prefeitos para o Cadastro Único, para nós cadastrarmos os brasileiros e as brasileiras que são aqueles que vivem abaixo da linha da pobreza extrema ou da pobreza, cadastrarmos, fazermos um cadastro único. Por que eu estou pedindo isso? Toda vez que eu falo, que tem prefeito, eu vou explicar para vocês por quê. Porque estamos num momento... a gente fala em tecnologia, eu fiz aquele programa Ciência sem Fronteiras, para mandar brasileiros, 100 mil brasileiros, 101 mil, estudar nas melhores universidades do mundo, porque a Embrapa foi formada assim. A Embrapa, mandaram gente estudar no exterior, e quando ele voltaram para cá, eles juntaram o que eles tinham aprendido com a nossa cultura, e deu a Embrapa. A mesma coisa nós achamos que pode dar em várias áreas. Por isso, mandamos, pagamos a bolsa, a estadia, pagamos tudo, o curso de inglês ou o curso de alemão, ou o curso da língua que for, para eles estudarem lá fora. Ao mesmo tempo, esse país que faz isso, que tem de olhar e ver que tem de ter engenheiro, matemático, físico, químico e biólogo, esse país tem de olhar, também, para a extrema pobreza, porque um país não vira uma nação enquanto uma parte do seu povo vive na miséria, não vira.

Daí que eu peço aos prefeitos que façam, que deem importância ao cadastro, sabe por quê? Quando nós chegamos no governo, nós tínhamos 36 milhões de pessoas cadastradas no Bolsa Família, 36 milhões, desses 36 milhões, 17 milhões já tinham saído da linha da pobreza extrema. Aí nós fizemos o Brasil Carinhoso, o Brasil Carinhoso, que era aquele que dava R\$ 70,00 per capita para a família que tivesse criança de zero a 15

anos. Com esse programa nós conseguimos tirar 19 milhões e 500 mil pessoas da extrema pobreza. Faltam, do cadastro, mais ou menos uns 2 milhões e meio. Significa que, pelo cadastro que eu tinha, nós acabamos com a extrema pobreza cadastrada no Brasil, com mais 2 milhões e meio, o que nós pretendemos, nos próximos meses, viabilizar, construir. Portanto, nós precisamos agora de ir atrás dos que não estão cadastrados, do que, por um motivo A, B, C ou D, o município não cadastrou.

E aí eu peço aos senhores, prefeitos. E isso é crucial para o Brasil, muda o patamar do nosso país, transforma esta numa nação que saiu, que tirou a sua população da extrema miséria. Isso faz com que a gente, entre outras coisas, mas isso é essencial, faz com que a gente ande de cabeça em pé em todas as reuniões internacionais, que a gente olhe com igualdade para todo mundo, porque um país que tira sua população da pobreza, ele tem de ser respeitado no mundo em que o contrário está se dando. Países que conseguiram chegar e atingir um patamar de bem-estar, hoje veem, uma parte da sua população, caminhar celeremente e, infelizmente, para a perda de direitos de emprego e de perspectiva. Para nós é fundamental que isso ocorra.

E eu queria finalizar dizendo outra coisa. Eu tenho uma parceria muito importante aqui com o governador, muito importante. Nós temos parcerias na água, no saneamento, na pavimentação, na mobilização de grandes cidades – o metrô –, acho que nós vamos conseguir aqui também dar um salto no Minha Casa, Minha Vida, e tudo isso eu tenho certeza que vai se acelerar.

Mas uma coisa é muito importante, é, de fato... o governador falou uma coisa que é certa: o Paraná precisa de infraestrutura. Por isso, quando nós olhamos o Brasil e vimos que ele era um país continental e vimos que esse país continental tinha de ter ferrovias, e fizemos o plano de dez mil quilômetros de ferrovias já, uma das ferrovias, uma das... Eu não falo nem ferrovia, porque, na verdade, é uma das malhas, parte da malha que tem de ligar tanto a zona produtiva aqui do Paraná aos portos como ao resto do país está, de fato, no programa de investimento em ferrovias.

E eu tenho certeza que a ministra Gleisi vai olhar para esse programa porque, obviamente, a ministra Gleisi, ela, sendo aqui do Paraná, ela vai ter interesse nisso, mas por uma outra razão. Porque hoje nós consideramos que essa parceria aqui em portos, ferrovias, rodovias, entre nós e a iniciativa privada – no caso de portos, com o governador –, ela é fundamental para o país crescer.

É por isso que nós daremos... este país só cresce se os estados crescerem, se os municípios se enriquecerem. Não existe um país fora dos municípios e dos estados. O país é isso. Nós somos o estado do Paraná, todos os brasileiros são o estado do Paraná.

E, assim, eu queria encerrar dizendo que hoje nós todos somos, aqui, a cidade de... o município de Cascavel, e mais, ainda menor, nós somos o Show Rural da Coopavel.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Unidade Industrial de Beneficiamento de Leite e Derivados e de lançamento de investimentos em assentamentos

Arapongas-PR, 04 de fevereiro de 2013

Um abraço para todos e para todas aqui presentes, um abraço para cada um, um abraço muito forte.

Eu queria, primeiro, saudar, cumprimentar e abraçar – você também – cada um dos assentados da reforma agrária e os representantes dos movimentos sociais aqui presentes.

Eu queria começar dizendo a vocês que hoje, para mim, foi um dia muito especial. Eu cheguei aqui e vi uma experiência fantástica. Essa agroindustrialização, ela é feita de uma forma muito cuidadosa, aqui. Aqui nós estamos diante de uma das melhores práticas agrícolas e de pecuária que eu já vi. Por isso, foi muito bom ter vindo aqui, em Arapongas, para mim foi muito bom. E eu acho que foi bom para o Brasil também, porque eu acho que o Brasil todo pode ver aqui, na Copran, um projeto de primeira, e um projeto que saiu do papel, que saiu do esforço, que saiu das mãos de homens e mulheres aqui do Paraná e que virou realidade.

Por isso, antes de eu continuar falando o que eu vi de tão importante, eu queria cumprimentar, primeiro, o governador do Paraná, Beto Richa,

Cumprimentar os ministros de Estado que estão aqui: o ministro Gilberto Carvalho, que vocês conhecem e que, além de ser daqui, de Londrina, é um batalhador por todos os movimentos sociais do nosso país; cumprimentar o ministro da Agricultura, o Mendes Ribeiro; e o nosso general José Elito, que é do Gabinete de Segurança Institucional.

Queria dirigir um cumprimento especial a um parceiro, a um forte parceiro que eu tive aqui no Paraná, o ex-governador Orlando Pessuti. Cumprimentar o nosso prefeito de Arapongas, o padre Beffa, por intermédio de quem cumprimento cada prefeito, cada vereador, cada prefeita, cada vereadora aqui presente.

Cumprimentar também os senadores: o senador Blairo Maggi, um grande produtor rural do nosso país; o senador Sérgio Souza. Cumprimentá-los porque eles são parceiros do governo federal na realização dos nossos projetos.

Dirigir um cumprimento ao presidente do BNDES, Luciano Coutinho.

E também ao ex-senador do Paraná, outro grande companheiro que eu tive ao longo da minha campanha em 2010, que hoje dá uma grande contribuição para a agricultura familiar, para a agricultura, os agricultores médios e grandes do país, o vice-presidente do Banco do Brasil, Osmar Dias.

Cumprimentar o presidente da Fundação Banco do Brasil, Jorge Alfredo Streit.

Cumprimentar também o presidente da Conab, Rubens Rodrigues dos Santos.

Queria cumprimentar o deputado estadual Ênio Verri.

Queria cumprimentar o presidente da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, Arildo Mota Lopes.

Com um cumprimento muito especial ao coordenador nacional do Movimento dos Sem Terra, o MST, Roberto Baggio. Por intermédio dele eu cumprimento todos os militantes do MST, que são participantes e protagonistas desse grande projeto aqui.

E aí dirigir um cumprimento especial, mas especialíssimo. Especialíssimo porque também uma coisa que eu vi aqui é como as mulheres são importantes na organização da agroindustrialização. E aí eu vou cumprimentar a Dirlete, a Dirlete. A Dirlete, presidente da Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária União Camponesa-Copran.

E eu vi também que tem outras lideranças presidentes de cooperativas. Isso... outras lideranças mulheres. O que eu acho muito importante porque mostra também, por parte do cooperativismo dos assentados de reforma agrária uma grande liderança de mulheres. Queria, portanto, ao cumprimentar a Dirlete, cumprimentar a todos os dirigentes e as dirigentes de cooperativas,

Queria agradecer ao Pereira da Viola, por aquela maravilha que ele tocou para todos nós, Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Eu quero dizer para vocês – retomando o que eu comecei –, que eu gostei muito de ter vindo aqui. E eu gostei muito de ter vindo aqui porque nós também, aqui, além de visitar essa cooperativa, estamos lançando o Programa Terra Forte, justamente baseado nessa experiência.

E o que essa experiência tem de importante? Ela é, sem sombra de dúvida, uma mostra, uma referência de que é possível o assentado de reforma agrária construir um caminho de agregação de valor, de aumento de renda, de ampliação do emprego e de relações cooperativas que melhoram o nível de produção.

Eu cheguei e a primeira coisa que eu vi foi o que eles chamam, o que o Baggio falou... Não, você falou outra coisa. Condomínio, o condomínio de ordenha, um condomínio, aqui a palavra é muito interessante. Mas um condomínio de ordenha é que usa uma tecnologia de ordenha que dá gosto de ver. Primeiro, para aqueles que acham que a reforma agrária, o pessoal assentado de reforma agrária não consegue fazer uma ordenha dentro de princípios sanitários, com uma limpeza absoluta, sem que as mãos das pessoas toquem as vacas, é algo impressionante. Vi, depois, o resfriador, o resfriador de leite. Tudo levado de forma automática para o resfriador. A vaca é ordenhada, o leite sai e vai para o resfriador.

Depois, vi toda a estrutura, toda a estrutura que permite a industrialização do leite, tanto através do queijo, como do iogurte, como dos produtos lácteos. Depois eu vi como é que o caminhão frigorífico encosta. Portanto, aqui tem uma linha de produção agro-pecuário-industrial de laticínios completa e com um padrão tecnológico de primeira linha.

Por que é que eu estou insistindo nisso? Eu estou insistindo nisso porque eu acho importante que todo o Brasil saiba que é possível... se faz, obviamente, com parceria, com parceria com o governo estadual, as prefeituras, com os movimentos sociais e, sobretudo, com os assentados da reforma agrária, e a presença de todos os incentivos que nós damos para esses assentados se faz uma revolução pacífica ordenada, uma revolução que significa o aumento da capacidade de produção de homens e mulheres, e esse aumento significa melhoria de renda, e essa melhoria de renda significa maior avanço, melhoria para, também, os filhos dos assentados de reforma agrária.

Porque todos nós aqui, principalmente as mães sabem que sempre o que nós queremos é que no dia seguinte os nossos filhos e os nossos netos tenham uma vida melhor que a nossa. Isso eu vi aqui: a construção de uma vida melhor por homens e mulheres dedicados, por homens e mulheres que, com o seu compromisso de ação cooperada, com o seu compromisso de uso compartilhado foram capazes de agregar conhecimento e tecnologia a sua produção e construir uma vida melhor para seus filhos.

Por isso eu quero dizer para vocês que vocês podem ter certeza que o meu governo tem compromisso com isso, e isso significa, isso significa melhoria de vida para a nossa população, significa desenvolvimento econômico e social equilibrados. Os brasileiros do campo são capazes de industrializar a sua produção baseada em relações fortes, eficientes e produtivas de cooperação. É essa a mensagem que eu quero dar: vocês, aqui, são uma referência para o Brasil, para todos os brasileiros saberem que é possível ter um projeto como esse.

Eu me comprometo a levar essas práticas, essas melhores práticas, com os recursos que o governo federal tem, para todo o Brasil. E acredito que algumas políticas são muito importantes, quando associadas a isso que eu vi aqui, hoje. Primeiro, eu acredito que o PAA foi, talvez, um dos melhores programas feitos neste país, porque o PAA, ele assegurou que a agricultura familiar tinha para quem vender, não ficava dependente de um intermediário, e que ela poderia fazer isso perto de onde produzia, no seu município, tanto porque o prefeito poderia comprar para fornecer para vários segmentos, mas, sobretudo, para o programa, também, de alimentação escolar. O PAA é um programa que o governo tem absoluto interesse de manter e ampliar.

Além disso, além do PAA e do PNAE, que é o Programa Nacional de Alimentação Escolar, e aí eu me congratulo com o governador, pelo Paraná cumprir os 30% que a lei estipulou que a agricultura familiar tem de fornecer para a alimentação escolar, eu queria dizer que uma outra questão é fundamental, que é o Minha Casa, Minha Vida Rural. O Minha Casa, Minha Vida Rural pode, sim, ser utilizado pelos assentados da reforma agrária, como pode ser utilizado por qualquer pequeno agricultor do nosso país. O pequeno agricultor, o agricultor familiar, o assentado da reforma agrária têm direito a acessar o Minha Casa, Minha Vida, que garante... Aliás, é bom que a gente diga: esse é um projeto que garante uma cobertura que o governo federal faz, de praticamente entre 90 e 95% do valor integral da casa.

E aí eu quero dizer uma coisa para vocês, que eu tenho dito em todos os lugares que eu vou. Esse é, talvez, o maior programa de subsídios que o Brasil já fez em algum momento da vida do Brasil. Eles, esses recursos saem dos impostos que o país paga, e ele é um programa que tem uma característica. Nós achamos que o cidadão brasileiro, principalmente aquele que ganha até R\$ 1.600, esse cidadão ele tem direito a ter uma casa, mas como a casa geralmente custa muito caro, o governo acha que é direito desse cidadão ter acesso à casa própria, porque se não tiver acesso à casa própria, essa família não morará em condições decentes, em condições dignas, não criará seus filhos. Nós precisamos de ter uma nação forte. Uma nação forte tem de ter acesso à cobertura de um lar, onde crie seus filhos, estabeleça a sua segurança, tenha para onde voltar depois do final do seu trabalho.

Por isso nenhuma pessoa pode pedir para quem quer que seja que receba o programa Minha Casa, Minha Vida, nem pessoa do governo federal, nem de governos estaduais, nem de governos municipais, nem qualquer pessoa. O cidadão que receber sua casa do Minha Casa, Minha Vida está tendo acesso a algo que é dele, que é dele.

Eu queria dizer para vocês que eu acredito que o Brasil deu grandes passos em direção a mudar a questão social no Brasil, a desigualdade imensa que existia construída ao longo da nossa história. Esses passos que o Brasil deu, nós estamos acelerando. Nós temos o compromisso de reduzir a pobreza extrema, a ponto de chegarmos a superá-la completamente no horizonte mais próximo possível. Nós já fizemos isso e estamos chegando no que nós temos cadastrado... nós estamos chegando ao fim do que nós temos cadastrado. Tiramos, entre o ano de 2011 e 2012, mais de 19 milhões e 500 mil pessoas da pobreza extrema. Falta, pelas nossas contas, muito pouco. Mas as nossas contas estão incompletas, e eu peço aqui uma parceria com o MST no sentido de assegurar que nós cadastramos, no Bolsa Família e no Brasil Carinhoso, todas as famílias que ainda vivem na pobreza extrema no resto do Brasil. Agora, até o mês de março, nós vamos zerar o cadastro. No nosso cadastro não vai ter mais ninguém abaixo da pobreza extrema.

Mas aí... não, nós não podemos ficar satisfeitos com isso, não, só zerar o cadastro. Nós temos de ir atrás dos que faltam, porque sabemos que faltam. Sabemos que tanto na cidade como na zona rural, no campo brasileiro, ainda tem famílias abaixo da linha da pobreza não cadastradas. Eu, em todos os lugares que vou, peço a parceria, o compromisso, e muitos deles estão – nós sabemos disso –, estão ainda em assentamentos.

Nós temos esse compromisso, um compromisso que eu acho que é fundamental. Nós temos de dar a essas pessoas a proteção cidadã que o Brasil dá, por lei, a todas as famílias que ganham menos, *per capita* de cada um dos membros, menos de R\$ 70. Isso é importantíssimo porque uma nação só é desenvolvida se a gente atinge esse patamar de acabar com a pobreza extrema.

Eu queria dizer para vocês que eu tenho muito orgulho de algumas realizações e acho que uma das principais questões que nós temos de fazer aqui é levar educação a todos os jovens e crianças, principalmente para os assentamentos de reforma agrária. Nós estamos passando por uma mudança histórica. Essa mudança histórica é a seguinte: nós queremos criar – e isso aqui é uma amostra do que é possível – nós queremos criar uma classe média no campo, uma classe média de pequenos produtores, de pequenos proprietários, uma classe média de cooperativados. Porque não há motivo para esse país, com a quantidade de riqueza que tem, ter pessoas na pobreza. Não há motivo, não há justificativa, e nós, nenhum de nós, podemos nos conformar com isso.

E eu quero apoiar o Projeto Terra Forte, porque, para mim, esse caminho aqui é um dos melhores caminhos para que as pessoas, homens e mulheres que vivam no campo, assentados da reforma agrária, tenham acesso a essa situação. Nós estamos apostando no Terra Forte casado com a questão do acesso à terra. Não basta o acesso à terra, é fundamental o acesso à terra, mas depois do acesso à terra é preciso esse tipo de programa que é garantir a assistência técnica, assegurar aos assentados todos os programas sociais que o governo dá, todos os programas sociais, sem exceção: Minha

Casa, Minha Vida, Bolsa Família, Brasil Carinhoso, Pronatec, que é a formação educacional técnica. Nós precisamos de formar os jovens cada vez mais, para que eles possam agroindustrializar com qualidade esses assentamentos.

Eu queria dizer ainda, e por fim, que na definição clássica, a reforma agrária é a democratização à posse da terra. Nós temos no Brasil, hoje, um acúmulo. Sabemos que a reforma agrária terá resultados melhores se puder, ao mesmo tempo, mudar os padrões de produção. Reforma agrária e assentamento não é igual a agricultura de subsistência. Não é igual. Ela pode ser muito mais. Aqui hoje se provou que não só pode, como ocorreu. Ela é muito mais do que isso.

Sabemos que sem luz, por isso fizemos o programa Luz para Todos; sabemos que sem estradas vicinais também não se escoia produção. Aqui nós estamos numa região mais desenvolvida e mais urbana, mas tem regiões no Brasil em que uma estrada de terra é a diferença entre poder comercializar ou não sua produção. Por isso o governo distribuiu, para aqueles municípios com população igual ou menor que 50 mil habitantes, para todos, para todos – são quase 90% dos municípios deste país, mais de 4.500 municípios –, nós distribuimos para todos uma retroescavadeira, uma motoniveladora e, a partir do metade do ano, vamos começar a distribuir um caminhão, um caminhão com condições de levar a terra.

Finalizando, eu queria dizer para vocês que eu agradeço, eu agradeço esse convite que me fizeram para vir aqui. Eu vi um modelo de cooperação, eu vi um modelo de participação coletiva, eu vi um modelo em que também uma coisa está clara: a capacidade de organização de todos aqueles que atuam e que levam à frente esse projeto.

Por isso eu vou acabar enaltecendo, mais uma vez, uma mulher. Eu queria cumprimentar a Dirlete Delazari e, ao cumprimentar a Dirlete Delazari, eu cumprimento todas as mulheres, os homens, as crianças. Aliás, crianças muito bonitas, crianças emocionantes que eu vi aqui.

Este país, este país tem futuro, e o futuro deste país está no nosso presente, porque nós somos adultos, todos nós. Nós temos hoje uma situação muito especial. O Brasil vive numa situação de pleno emprego, praticamente. Os últimos dados mostram a menor taxa de desemprego de toda a nossa história. Mas este país, também, ele precisa desse empreendedorismo, ele precisa dessa atuação. Por que ele precisa disso? Porque nós somos um país continental, diverso, esse país congrega grandes cidades, uma população que vive no campo, e que nós queremos que, ao viver no campo, viva em condições de vida iguais, para não dizer melhores, porque não tem tanta poluição que a cidade traz, porque tem também condições de criar uma vida mais comunitária, o que não se tem numa grande cidade do Brasil.

Mas, sobretudo, nós temos de dar condições para os pequenos, para os pequenininhos, para os brasileirinhos e para as brasileirinhas. E aí eu queria, também, convocar os senhores prefeitos para nos auxiliar. Nós temos um programa de creche, e creche não é creche só para a mãe poder deixar o filho, creche é para a criança. Está provado que uma criança de zero a cinco anos, aí ela forma a sua capacidade de conhecer, ela forma toda a sua capacidade emocional de aprender. Então, criar creche é como se a gente mexesse

lá na raiz da desigualdade, que a gente impedisse que a desigualdade ficasse germinando, desde a mais tenra idade desses nossos brasileirinhos e brasileirinhas.

Por isso, o governo federal financia, paga para fazer creche, um investimento em creche. Além disso, ele cobre o custo da creche enquanto o dinheiro do Fundeb não vem. Além disso, que a creche é para a população de baixa renda, ele entra com mais 50%. Nós precisamos de creches. Eu faço também um apelo para os prefeitos, para os prefeitos olharem as necessidades das creches nas regiões rurais.

E, com isso, eu termino esse meu pronunciamento dizendo que eu saio daqui com a alma lavada e enxugada, muito feliz, porque eu vi aqui um caminho para o Brasil, que é um caminho firme, que é um caminho que dá certo e que é um caminho que nos levará a nos transformar ao país que nós sonhamos.

Obrigada para todos.

Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia-CCT

Brasília-DF, 06 de fevereiro de 2013

Cumprimentar os ministros de Estado que estão presentes nessa reunião do Conselho Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação.

Cumprimentar o nosso ministro da Ciência e Tecnologia, Marco Antonio Raupp; o ministro da Defesa, Celso Amorim; o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota; o ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro; o ministro da Educação, Aloizio Mercadante; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Paulo Bernardo, das Comunicações, e o ministro José Elito de Carvalho Siqueira, do Gabinete de Segurança Institucional.

Queria cumprimentar cada um dos senhores e das senhoras aqui, integrantes do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia.

Cumprimentar o deputado federal Newton Lima,

Cumprimentar também os senhores e as senhoras representantes de entidades de caráter nacional, estadual e municipal dos setores de ensino, pesquisa, ciência, tecnologia e inovação.

Senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria, nessa reunião do Conselho de Ciência e Tecnologia, dizer da importância que tem para o Brasil essa... o Brasil é um país complexo. Nós, ao mesmo tempo que temos de enfrentar a extrema pobreza, temos de nos dedicar a dar toda a nossa prioridade também à questão do desenvolvimento, da ciência, da tecnologia e da inovação em nosso país.

Nós sabemos também que um país como o nosso, ele precisa desse salto, de um necessário salto em ciência e tecnologia.

Eu estou muito feliz de participar aqui desta reunião. Nós teremos essa reunião organizada de uma forma a que todos os assuntos previstos na pauta sejam contemplados.

Inicialmente eu queria passar a palavra tanto para que dirija a reunião quanto para que faça seu primeiro pronunciamento o ministro Raupp, e dizer que na seqüência falará o

ministro Pimentel, depois o ministro Mercadante e depois nós escutaremos o relatório das comissões. A Comissão de Promoção da Inovação, falará o senhor Carlos Sanches; a Comissão de Novo Padrão de Financiamento para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico, falará Mário Neto Borges; a Comissão de Fortalecimento da Pesquisa e da Infraestrutura Científica e Tecnológica, a senhora Helena Nader; e nas Tecnologias Sociais e Divulgação da Ciência, o Ennio Candotti. E eu farei as palavras de encerramento.

Então, eu passo então a direção do evento para o nosso ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marco Antonio Raupp.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de medidas do Plano Brasil Sem Miséria

Palácio do Planalto, 19 de fevereiro de 2013

O Déda inspirado é algo, de fato, bom de ver, e de ouvir. Eu queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer; cumprimentar o presidente do Senado, Renan Calheiros; cumprimentar o presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores ministros de Estado aqui presentes: Tereza Campelo, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Guido Mantega, da Fazenda; Aloisio Mercadante, da Educação; Brizola Neto, do Trabalho e Emprego; Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Fernando Bezerra, da Integração Nacional; Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral; Ideli Salvatti, das Relações Institucionais; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; Luiza Bairros, da Secretaria de Políticas de Igualdade Racial; Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para Mulheres; Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos.

Queria cumprimentar os governadores, as senhoras e os senhores governadores aqui presentes: Agnelo Queiroz, do Distrito Federal; Marcelo Déda – e, mais uma vez, eu sempre me encanto com a capacidade do Déda de, ao falar, também fazer poesia, de Sergipe; e também cumprimento Eliana Aquino, a primeira-dama; cumprimento Jaques Wagner, governador da Bahia; cumprimento o governador do Ceará, Cid Gomes; cumprimento o governador em exercício, vice-governador do Rio Grande do Sul, Beto Grill; o governador Wilson Martins, do Piauí; a Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; Tião Viana, do Acre; Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro; Helenilson Pontes, vice-governador do Pará.

Cumprimento também, aqui, as senhoras e os senhores senadores presentes: José Pimentel, líder do governo no Congresso; Eduardo Braga, líder do governo no Senado Federal; a senadora Ana Rita, a senadora Angela Portela, o senador Antonio Carlos Valadares, o senador Eduardo Suplicy, o senador Eunício Oliveira, senador Gim Argelo, senador Humberto Costa, senador Inácio Arruda, senador Jorge Viana, senador Romero Jucá e senador Wellington Dias.

Queria cumprimentar as senhoras e senhores deputados federais aqui presentes. E cumprimento o deputado Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara dos Deputados, em nome de quem cumprimento todos os parlamentares aqui presentes.

Cumprimento também o governador Camilo Capiberibe – me desculpe, governador, eles não me deram seu nome... agora deram, para o senhor ver.

Cumprimento os prefeitos Célia Rocha, prefeita de Arapiraca; o prefeito Luciano Cartaxo, de João Pessoa; o prefeito Firmino Filho, de Terezina; o prefeito de Palmas, Carlos Franco.

Queria cumprimentar a Ana Estela Haddad, primeira-dama da cidade de São Paulo, e a Luciana Temer, secretária de Assistência Social da cidade de São Paulo.

Cumprimentar também o coordenador-geral da orquestra Criança Cidadã. E cumprimento a cada um dos jovens da orquestra.

Queria cumprimentar também o presidente do Partido dos Trabalhadores aqui presente, Rui Falcão.

Cumprimentar as senhoras jornalistas... os senhores e as senhoras jornalistas, os senhores e as senhoras fotógrafos e cinegrafistas.

Nessa sala eu já assinei vários atos. Já tive a honra e a alegria de participar em várias e importantes... vários importantes lançamentos, várias importantes atividades para o país, e para diferentes setores sociais do Brasil. Mas, eu tenho certeza que nenhum deles tem a força simbólica, a marca histórica e o efeito imediato desse ato que eu hoje assino. Com ele, o Brasil vira uma página decisiva na longa história, na nossa longa história de exclusão social. Nela, nessa página, está escrito que mais 2 milhões e meio, 2 milhões e quinhentos mil brasileiros e brasileiras estão deixando a extrema pobreza.

Mas, nesse ato há um detalhe marcante: eles são os últimos dos brasileiros extremamente pobres, inscritos no cadastro do Bolsa Família, a transpor a linha da miséria. Não estamos dizendo aqui que não haja mais um único brasileiro ou brasileira extremamente pobre, extremamente destituído das condições de vida digna. Infelizmente, ainda existem, nós sabemos disso. E é necessário encontrá-los e incluí-los para que recebam o benefício a que têm direito.

Por isso, a gente sempre fala em busca ativa. É necessário encontrá-los. E esta é uma diferença substantiva também que nós aprendemos: o Estado deve ir atrás, não deve esperar que esses brasileiros batam à nossa porta para que nós os encontremos. O que estamos garantindo aqui hoje é que o mais difícil já foi feito. Que superamos prazos e metas como disse a ministra Tereza Campelo e que falta pouco para que não haja mais brasileiros mergulhados na miséria. É isso o que estamos dizendo. Dito em outras palavras: Por não termos abandonado o nosso povo, a miséria está nos abandonando. A ideia principal por trás deste ato hoje, por não termos abandonado o nosso povo, a miséria está nos abandonando.

Meus amigos e minhas amigas aqui presentes, só pode celebrar um feito dessa magnitude um país que teve a capacidade e a competência anterior de construir a tecnologia social mais avançada do mundo. Sim, nós construímos a tecnologia social mais avançada do mundo. Porque um país só pode retirar 36 milhões de pessoas da miséria com um programa como o Bolsa Família, quando além de ter a sensibilidade para

a dor dos mais pobres possui também capacidade técnica, qualidade de gestão, honestidade moral e coragem política para realizar um feito dessa magnitude.

Nós começamos em 2003, no governo do presidente Lula, quando unificamos programas sociais precários que até então existiam. Em seguida, nós incluímos milhões de pessoas no cadastro do Bolsa Família e elas passaram a receber um rendimento mensal. Para isso, nós criamos um cartão bancário que permitia e permite o pagamento direto, sem intermediários, sem clientelismos entre o Estado brasileiro e as famílias. E, sobretudo, é muito importante isso, priorizamos as mulheres, as mães deste país, como as receptoras dos recursos do Bolsa Família.

Nos últimos dez anos o Brasil tem tudo isso realizado, e muito mais. Por isso, não estamos apenas conseguindo superar a miséria no nosso país, como exportando para o mundo uma tecnologia social capaz de enfrentar a fome, de combater a miséria e de diminuir a desigualdade. Um fato que nos distingue hoje no mundo e nos diferencia entre as nações e é diferente do que está sendo praticado no mundo – com perdas de direitos, e hoje, com o surgimento de pessoas em situação de extrema precariedade em países que eram antes, até então, líderes na questão do bem estar social.

É por isso também que nosso modelo de desenvolvimento desafia a lógica das interpretações simplistas. O disse me disse da pequena política – como diz o nosso querido Déda: “os Velhos do Restelo” – porque os Velhos do Restelo estão sempre surgindo da Idade Média até agora. E é interessante notar – não é Déda? – que nós não teríamos “sido descobertos” se o Velho do Restelo prevalecesse naquele momento, naquela praia, lá no Tejo, em Lisboa. Porque não prevaleceu, nós fomos – até nova avaliação – descobertos pelas naus portuguesas.

Então, isso nos diferencia desse disse me disse, da pequena política e dos modelos ultrapassados de análise. É por isso que as correntes do pensamento conservador – aquelas mesmas correntes que quase empurram o mundo para o abismo da crise financeira – insistem em não entender o Brasil e a originalidade do nosso modelo.

Sem dúvida, seria importante e necessário que refletissem sobre o ato que realizamos aqui hoje para melhor nos entenderem. Não vou tomar aqui o tempo de vocês repetindo os detalhes técnicos e estatísticos já tão bem expostos pela Tereza Campello. Mas eu quero ressaltar alguns pontos que eu considero extremamente importantes. Nosso querido Bolsa Família, inaugurado no governo do presidente Lula, e agora ampliado e renovado, se mantém como núcleo da nossa tecnologia social de superação da miséria. Junto com ele, introduzimos novas e decisivas ferramentas que formam o conjunto do Plano Brasil sem Miséria. Todas, como o Bolsa Família, com aquela característica central de certas invenções revolucionárias, que é a capacidade de surpreender tanto por sua simplicidade como por seus grandes e fabulosos efeitos.

Repito, idealizado e criado no governo do presidente Lula, que foi, sem dúvida alguma, o primeiro governo brasileiro a trazer a questão social para o centro do debate nacional, o Bolsa Família é responsável por garantir que 36 milhões de brasileiros saiam da miséria. Por me permitir a esses 36 milhões de brasileiros, que se dependessem exclusivamente de sua renda seriam hoje extremamente pobres, tenham agora o seu sofrimento aliviado. Destes, milhões de brasileiros foram retirados da extrema pobreza pelo Bolsa Família ainda em sua versão pioneira. Como no nosso governo continuamos o Bolsa Família e

nada foi interrompido, e nada foi desmontado, conseguimos aperfeiçoá-lo e torná-lo a turbina, a turbina do eixo da garantia de renda do Plano Brasil sem Miséria.

Vimos que era importante aumentar o número de famílias beneficiadas como também elevar o valor do benefício. E principalmente fazer com que os benefícios incidissem prioritariamente sobre aquelas faixas etárias mais vulneráveis. Assim, já em 2011, mais 3 milhões de brasileiros cadastrados no Bolsa Família superavam a extrema pobreza. Nesse processo, ficou mais visível para nós como era dramática a incidência da extrema pobreza entre as crianças e os adolescentes. Lançamos, então, a ação Brasil Carinhoso, que de maneira fulminante, acabou com a enorme diferença que separava estas faixas com crianças e jovens das demais faixas etárias, ou seja, a pobreza no Brasil tinha, infelizmente, a marca perversa de atingir mais crianças e jovens.

Por que eu faço questão de explicar isso? Primeiro, para tornar ainda mais claro que o marco que comemoramos hoje, não se deu por mágica, nem foi fruto do acaso. É fruto de dez anos de experiência, tentativas e coragem de execução. Segundo, para dizer que quando se tem uma boa política e se dá continuidade a ela, os resultados se ampliam. Terceiro, para ressaltar que quando se descobre os pontos-chave de um problema, as soluções ganham uma velocidade surpreendente.

E foi isso que nós, nesse processo – porque colocamos a questão da miséria no centro das nossas preocupações e compromisso políticos – nós conseguimos perceber onde estavam os pontos-chave. Foi assim que conseguimos de junho de 2011 - quando lançamos o Plano Brasil Sem Miséria - até hoje, quando assino esta nova ampliação do benefício do Bolsa Família, retirar 22 milhões de brasileiros e brasileiras da miséria, também retirar, com muito orgulho, crianças, jovens e suas famílias.

O Brasil Sem Miséria é hoje o plano social – e aí eu me orgulho de dizer – mais focado, mais amplo e mais moderno do mundo. Ele segue cada vez mais vigoroso, produzindo resultados através dos seus eixos de garantia de renda, de inclusão produtiva e do acesso aos serviços públicos. O eixo garantia de renda é o que traz alívio mais imediato à situação de extrema pobreza. E ele tem essa tecnologia criada a partir de 2003, no governo do presidente Lula, no seu centro.

Nós também aprendemos ao longo desse tempo que não podemos jamais esquecer a importância, a novidade e os excelentes resultados dos eixos de inclusão produtiva e de acesso aos serviços públicos. Por exemplo, a ministra Tereza mostrou aqui que tivemos em 2012, em apenas um ano de trabalho, 267 mil pessoas matriculadas em 416 tipos de cursos técnicos. Pessoas do Bolsa Família. Mostrou ainda como vamos atingir 1 milhão de pessoas matriculadas até 2014. Falou também dos grandes resultados que já conseguimos com os programas de inclusão produtiva rural, com perto de 2 milhões de atendimentos realizados levando água, luz, assistência técnica, entre outros benefícios, para as pessoas pobres do campo.

Foram, por exemplo, implantadas 240 mil cisternas no semiárido, que, em dois anos, beneficiaram 1 milhão de pessoas. Detalhou, ainda, o grande número de escolas que aderiram ao programa de ensino em tempo integral, com presenças de alunos do Bolsa e o aumento de recursos para vagas em creches também para crianças do Bolsa Família. Ressaltou que se implantam unidades básicas de saúde, postos de saúde, justamente

visando o atendimento dessas populações. Tudo isso coordenado pelo Plano Brasil sem Miséria e também com a participação de 18 ministérios.

Nós sabemos que a superação da miséria não se faz só por meio da renda. Isto é essencial, mas estamos enfrentando agora suas outras faces, levando cidadania e oportunidades. O grande começo que estamos empreendendo e vamos acelerar é o acesso ao emprego, para os adultos, e o acesso à educação de qualidade para as crianças e os jovens. Com o Bolsa Família, criado pelo presidente Lula, 15,7 milhões de crianças e jovens pobres tiveram acesso a escola e tiveram sua frequência acompanhada pelo Cadastro. E é sempre bom lembrar, o Cadastro não é uma estatística. No Cadastro nós sabemos onde moram, e qual é a renda que tem de cada uma das famílias cadastradas, de cada uma delas. Sem dúvida, esse foi um grande começo. Agora, nosso desafio é garantir escola de tempo integral, alfabetização na idade certa e creche para nossas crianças e jovens do Bolsa Família.

Eu disse que estamos virando uma página decisiva na nossa longa história de exclusão social que tem a marca perversa da escravidão. Outras páginas históricas precisam ser viradas, como do acesso ao emprego de qualidade. Por isso os cursos de formação profissional da educação e do empreendedorismo. O que já alcançamos prova que isso é mais do que possível, e essa é uma grande característica deste momento, provar que certos desafios são possíveis.

O governo federal tem feito a sua parte. E cabe aqui agradecer a parceria de estados, de todos os estados e dos municípios nesta empreitada histórica. É dever republicano do governo federal reconhecer a decisiva participação dos municípios, dos estados e dos movimentos sociais, que por meio da busca ativa são protagonistas desse desafio que é superar a pobreza extrema.

Agradecemos em especial aos municípios por essa atividade do cadastro. Porém, quero também desafiar a cada um de nós, ainda com mais entusiasmo, e desafiar o quê? A participação de todos: dos governadores, prefeitos, movimentos sociais e, obviamente, de cada um de nós na União, para acelerar a etapa final da nossa busca ativa e localizarmos os brasileiros extremamente pobres onde eles estiverem.

Agora que acabamos com a miséria visível, temos de ir atrás da miséria ainda invisível. Aquela que teima em se esconder dos nossos olhos, dos nossos programas e das estatísticas oficiais.

Quero aproveitar o saudável espírito de disputa – sempre aumenta com a proximidade da Copa e das Olimpíadas – para propor informalmente um grande campeonato pela justiça e pela igualdade em nosso país. Vamos, todos juntos: governo federal, estados, municípios, movimentos sociais desvelar e varrer por completo a pobreza extrema invisível dos nossos territórios. Vamos todos juntos preencher as lacunas do nosso Cadastro Único. Vamos preenchê-las com o nome, o endereço e a tipificação de cada uma das famílias que ainda não recebem os benefícios do Plano Brasil Sem Miséria.

Senhoras e senhores,

Vamos vencer este campeonato, e aí vamos entrar para a história como um dos países que, de forma determinada e acelerada, eliminou do seu território a miséria extrema, a pobreza extrema, a miséria. Mas o campeonato da busca ativa não pode resultar em cadastrar sem critério e sem rigor. Nosso cadastro é o nosso melhor instrumento porque

ele é bem focalizado, porque ele tem cuidado, critério e rigor. Nesse campeonato nós todos vamos ser ainda mais rigorosos. O campeonato da busca ativa tem um grande vencedor, que é o povo deste nosso país.

Eu quero ter a alegria de ganhar os troféus com os prefeitos, os governadores, os movimentos sociais, e é por isso que eu torço que, neste campeonato, a vitória do Brasil seja por empate entre todos nós. Somos, sobretudo, um time, e um time ganhará junto.

Eu vejo aqui nesta parede a frase que pedi que fosse colocada nesse painel. Ela diz – e eu acho que ela é extremamente feliz –, ela diz: “O fim da miséria é só um começo”. Para mim, esta frase é irmã – e o Déda tem razão – do dístico do meu governo que afirma, com coragem e ousadia, que país rico é país sem pobreza. Essas duas frases resumem nossa disposição de lutar com determinação e esperança por uma mudança social profunda e pacífica no nosso país.

Sinto hoje uma grande emoção e uma imensa alegria ao ver que, juntos, tornamos possível realizar a grande meta de superação da pobreza extrema em nosso país. Agora falta pouco, falta muito pouco. Mas, agora justamente, que estamos atingindo essa meta, temos que vê-la apenas como um início, um grande e maravilhoso início, nada mais que um início do tempo em que o Brasil vai poder realizar, e em plenitude, seu grande papel histórico para seu povo e para o mundo.

Viva o Brasil! E viva o povo brasileiro!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no 1º Encontro Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC

Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade - Brasília-DF, 19 de fevereiro de 2013

Eu queria cumprimentar aqui as mulheres camponesas do Brasil, dos 23 estados do nosso Brasil, que vieram aqui a este primeiro, este primeiro e grande encontro das mulheres camponesas, e eu gostaria de dizer para vocês que eu fico extremamente feliz de estar aqui, compartilhando com vocês este momento.

Eu vou cumprimentar aqui, primeiro... o governador vai me desculpar, eu vou cumprimentar aqui primeiro a Rosângela Piovizani e a Maria José Cavalcante, as duas do Movimento de Mulheres Camponesas, e em nome delas eu quero dar um beijo a cada uma das mulheres aqui presentes.

Agradeço a compreensão do nosso governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz, e dirijo um cumprimento especial à primeira-dama, Ilza Queiroz.

Cumprimento, e quero dizer para vocês que eu fico muito feliz de estar aqui acompanhada pelas ministras e pelos ministros do meu governo. Mas as ministras são muito importantes. Nós somos um governo com uma presença muito forte das mulheres. As mulheres têm um papel fundamental no meu governo. E aqui eu queria cumprimentar a nossa ministra das Mulheres, a Eleonora Menicucci; a Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social; a Maria do Rosário, ministra dos Direitos Humanos; a Ideli Salvatti, ministra das Relações Institucionais.

Queria também cumprimentar os dois ministros aqui presentes, Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário, e Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral.

Cumprimentar as senhoras e os senhores senadores. As senhoras Ângela Portela, Ana Rita, e o senador Wellington Dias.

Cumprimentar também as senhoras e os senhores deputados: a Luci Choinacki, o Celso Maldaner, o Marcon, o Pedro Uczai e o Padre João.

Cumprimentar tanto o presidente da Conab, o Rubens, quanto o diretor do BNDES, o Guilherme.

Eu queria dirigir uma saudação especial, uma saudação especial a dois artistas: à Josiane Fátima e ao Pedro, músicos que interpretaram uma canção, uma canção que eu acho que é extremamente simbólica do espírito do Movimento das Mulheres Camponesas para mudar a sociedade.

Queria também cumprimentar a Isaura, que declamou poesia.

Agradecer, do fundo do coração, a Tânia Freire, que me entregou uma cesta com os produtos agrícolas.

Queria cumprimentar cada uma das integrantes das organizações de trabalhadoras rurais dos países da América Latina, do Caribe, da África e da Europa aqui presentes.

Cumprimentar os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Participar, para mim, deste encontro me emociona muito. Me emociona muito porque eu vejo aqui, em cada rosto, em cada sorriso, a energia e a vontade incansável de luta, de luta pela vida, das mulheres brasileiras. E essa energia que está nos sorrisos e nos rostos, ela move as mulheres batalhadoras deste país, deste imenso país que é o nosso.

Eu sei que vocês são o Brasil que nunca se cansa de levantar ao nascer do sol, e, com a mão de vocês, com o empenho, com a força, com a dedicação e o carinho, e também com aconchego, vocês constroem um presente e um futuro mais justo para o nosso país.

No refrão que vocês aqui repetiram, com muita força – para mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher –, é um refrão que mostra a força e o espírito deste encontro. De fato, a mulher brasileira, moradora no mundo rural, militante e participante da vida da sua família, dos seus, da sua comunidade, tem a necessidade de ter uma grande força. Uma força e, ao mesmo tempo, uma altivez, uma cabeça erguida, uma sensação forte de autoestima, e, ao mesmo tempo, aquela teimosia, aquela tenacidade, aquela determinação que tem em cada mulher, em cada mulher jovem, em cada mulher mãe, e eu sempre acrescento agora, em cada mulher avó. A gente vai vivendo e vai aprendendo as diferentes fases da vida de uma mulher, e ser avó. Vocês vão ver – aquelas mais novas – como é bom!

Mas o Brasil precisa muito desse exemplo de vocês, desse exemplo que hoje eu percebo aqui, eu vivo aqui com vocês, que alarga o espaço de participação social das mulheres brasileiras, que faz com que essa busca por justiça social e igualdade de oportunidades, de igualdade de gênero, de igualdade para os nossos filhos e nossas filhas, nossos netos e nossas netas, seja aquele farol que orienta a sociedade brasileira.

Eu queria dizer para vocês, minhas queridas companheiras: hoje é um dia histórico para o nosso país. Eu sei que uma representante de cada um dos estados esteve na cerimônia que nós fizemos de manhã, lá no Palácio do Planalto, uma cerimônia histórica que é aquela da superação da pobreza visível, da extrema pobreza visível no nosso país.

Nosso cadastro, de 36 milhões de pessoas do Bolsa Família, agora, a partir desse ato que vocês hoje tiveram representantes, traz uma grande página virada na história do

nosso país. Este país que conheceu a terrível, a terrível injustiça da escravidão; este país que viu homens e mulheres, mas, sobretudo, mulheres, crianças, jovens serem condenados a viver em situações precárias; este país hoje dá um passo, mais um passo em direção à superação da miséria e da pobreza extrema. Nós, em dois anos, estamos assegurando que 22 milhões de brasileiros e brasileiras, crianças e jovens, tenham dado um passo em direção a uma outra vida. Por isso é que o nosso lema neste dia foi “O fim da miséria é apenas um começo”, mas é um grande começo.

E eu queria dizer que tem uma coisa do Bolsa Família, que é um dos componentes deste Plano Brasil Sem Miséria, que é a parte da renda, que eu tenho muito orgulho dele, que é o fato de que quem recebe o Bolsa Família – e essa foi uma das mais importantes medidas que nós tomamos –, quem recebe o Bolsa Família no nosso país são, preferencialmente, as mulheres. Um país que reconhece isso, é porque ele sabe o valor da mulher – da mulher camponesa, da mulher do campo e da floresta, da mulher trabalhadora, da mulher – para a criação do seu futuro e do seu presente, e nós sabemos que o futuro e o presente de um país, ele passa, necessariamente, por suas crianças e seus jovens.

Por isso, ser a mulher a receber esse programa é o reconhecimento que, sem ela, nós não superaríamos a pobreza extrema. Tentar outra metodologia, outra técnica seria perda de tempo. Nós sabemos que, antes de mais nada, e é interessante que quem soube disso não foi uma mulher primeiro, foi um homem, foi o presidente Lula. E vejam vocês, ele percebeu que a mãe – porque ele teve uma, uma mãe especial –, e que mãe não abandona filho, não abandona neto. Mãe está grudada nos filhos e nos netos. Por isso eu gostaria de enfatizar esse fato como reconhecimento do Estado brasileiro da importância das mulheres para resolver uma das maiores pragas do nosso país, que foi e é ainda a desigualdade.

Eu repito aquela frase. De fato, quando nós olhamos e vemos que o fim da miséria é só um começo, o que é que nós queremos dizer com isso? Nós queremos dizer que é um começo para a cidadania, para a dignidade, para maiores oportunidades, e isso é algo que eu vejo aqui nas propostas nos compromissos, nos anseios do Movimento de Mulheres Camponesas, e essa meta nossa casa perfeitamente com o lema do encontro de vocês: “Na sociedade que a gente quer, basta de violência contra a mulher”.

Nós sabemos que acabar com a violência contra a mulher exige, permanentemente, que nós estejamos atentas, que nós todas, da presidenta da República a milhões de mulheres brasileiras, estejamos atentas para reprimir, de forma dura e incansável, a violência física contra a mulher. Exige também combater a violência da exclusão, da desigualdade, da restrição e da perda de autonomia das mulheres e, sobretudo, exige que, tanto da parte do Estado quanto da parte da sociedade, nós estejamos atentas, presentes e atuantes para garantir suporte à mulher que sofre de violência. A mulher que sofre de violência precisa de proteção da sociedade e do Estado.

Desde 2006, o Brasil conta com a Lei Maria da Penha. A Lei Maria da Penha foi questionada porque levaram a discussão ao aspecto jurídico. Mas nós ganhamos essa discussão, porque hoje a mulher não precisa de nenhum elemento para processar o agressor, mesmo que ela, depois de dizer que foi agredida, retire a queixa, permanece a acusação contra o agressor. E, se alguém viu a violência, se alguém presenciou e, ao

mesmo tempo, levou ao conhecimento, essa pessoa que agrediu, ela pode ser processada, mesmo se a mulher não a acusar. Isso é importante porque evita os constrangimentos, as pressões, as chantagens, o medo que pode afetar uma mulher, principalmente quando ela é vítima da violência.

Hoje nós temos, já, quase mil serviços de atendimento às mulheres em situação de violência espalhados pelo Brasil. O Ligue 180, ele serve para que se possa prestar informações e receber denúncias de situações e de vítimas da violência. O Ligue 180 já ultrapassou a marca dos 3 milhões de ligações recebidas, e o INSS está acionando a justiça para exigir que os agressores sejam responsabilizados financeiramente por seus atos de violência contra a mulher.

O meu governo... a ministra Eleonora e a ministra Maria do Rosário, dos Direitos Humanos, estão atentas para assegurar que as mulheres tenham suporte e respaldo, e que tenham uma forma mais fácil de acessar a proteção que o Estado brasileiro lhes deve. E eu quero reafirmar aqui um compromisso, meu compromisso de continuar fortalecendo os instrumentos de combate à violência contra a mulher brasileira.

Quando eu tomei posse como primeira mulher presidente, eu disse que um dos meus compromissos era honrar as mulheres, porque honrar as mulheres do meu país é a forma que eu tenho de expressar que eu devo às mulheres camponesas, que eu devo às mulheres trabalhadoras urbanas, que eu devo às mulheres deste país inteiro, às mulheres de classe média, a todas as mulheres, eu devo a elas um fato simples e singelo. Eu estou aqui não por um milagre. Eu não estou aqui porque, ocasionalmente, eu passei por aqui e aqui cheguei. Eu estou aqui porque milhões de brasileiras, milhões de lideranças, milhões de mulheres que lutaram neste país, que se reuniram em movimentos como este, do Movimento das Mulheres, este encontro do Movimento das Mulheres Camponesas, construíram a possibilidade de eu estar aqui. Eu estou aqui porque vocês estão aí.

Minhas queridas mulheres camponesas, nós sabemos que uma sociedade, uma sociedade mais desenvolvida, ela precisa, se ela quiser ser uma nação, uma nação digna de um país do nosso tamanho e de um povo como o nosso exige o respeito, a igualdade entre homens e mulheres, e isso é importantíssimo para o Brasil. Como eu disse para vocês, nós reconhecemos a importância das mulheres quando demos a elas a preferência para receber o Bolsa Família dentro do Plano Brasil Sem Miséria, e demos também essa mesma preferência nos contratos do Minha Casa, Minha Vida. Por quê? Justamente pelo papel que as mulheres ocupam na sociedade.

E eu queria falar da importância para um país das creches, para que a gente ataque a raiz da desigualdade e, necessariamente nisso, as mulheres também estão envolvidas, não só para deixar suas crianças bem protegidas em creches ou em associações que cuidem das crianças, mas porque é sabido, cada vez mais, que a nossa capacidade é maior quanto mais cedo nós conseguimos despertar (falha no áudio), o conhecimento, a curiosidade das crianças. A vida... cada vez mais, todos os grandes cientistas demonstram que é nesses menininhos aqui que estão na frente, eles têm uma capacidade de conhecimento maior que a de um adulto. E quanto mais se estimulá-lo, quanto mais se aconchegar, quanto mais se der oportunidade para eles, maior é o desenvolvimento de um país. Por isso, aí também as mulheres, mães, prestam um grande serviço para o país.

Eu queria falar também na capacidade de produzir a vida, que a Rosângela tava dizendo. A mulher produtora, a mulher camponesa, ela cria vida ao produzir alimentos, quanto mais saudáveis forem. Nós sabemos que 70% da nossa alimentação é originária da pequena agricultura familiar. Por isso, eu fico muito feliz aqui com esse acordo que nós assinamos entre a Conab e o BNDES, que fortalece as cooperativas, as cooperativas formais ou informais, principalmente aquelas cooperativas que são organizadas por mulheres. Com esse acordo, nós vamos financiá-las, nós vamos dar dinheiro para elas porque, com isso, nós estamos incentivando uma maior autonomia. E eu fico feliz porque eu acredito que a ação associativa de uma cooperativa, ela também tem o poder imenso de organizar a participação, que foi o lema desse canto que eu escutei “Participando sem medo de ser mulher”. É participando aqui, é participando na cooperativa, é participando nas associações de mães, enfim, é participando. Eu cito essas ações para firmar o meu orgulho e a minha alegria de ter um governo que junto com a Rede Cegonha, os programas de prevenção de câncer, tanto de mama quanto de colo de útero, mas, sobretudo, com esses programas que nós estamos desenvolvendo e ainda vamos desenvolver ainda mais contra a violência, pelo fim da violência e da discriminação contra a mulher, esses programas têm um papel muito importante.

Nós não teremos um país íntegro sem essa igualdade de oportunidades e essa igualdade diante da cidadania. O Brasil precisa da mulher camponesa na condição de cidadã, não é na condição de produtora somente, é na condição de cidadã. Precisa da sua inteligência, precisa da sua força, precisa da sua experiência, precisa da sua coragem, porque a gente sabe que na vida é preciso ter coragem. E também da sua mão incansável para continuar avançando na construção de uma sociedade em que a igualdade entre homens e mulheres seja regra e nunca a exceção. Um beijo para cada uma. Eu desejo um grande encontro para vocês.

(Falas da plateia) Bom, eu não estou escutando você, mas... (Falas na plateia) Você falou... Ah, ela falou uma coisa importante. Tá vendo? A participação leva a isso. Ela disse o seguinte: só é possível um país desenvolvido mais igual, mais fraterno, se houver as mesmas condições de educação no campo. E ela está coberta de razão. Está, e até por um motivo, porque nós sabemos que se os adultos precisam de emprego e de emprego cada vez mais qualificado para melhorar a sua vida, os jovens como ela, as crianças têm um caminho que é a educação. E a educação nesse país tem de ser, de fato, um compromisso de cada um de nós. Obrigada pela sua intervenção. Como é que você chama? Daiane? Obrigada. Um beijo!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de abertura da III Cúpula América do Sul-África

Malabo-Guiné Equatorial, 22 de fevereiro de 2013

Senhoras e senhores, nessa nossa reunião entre duas grandes regiões do mundo: a África e a América Latina.

Querida cumprimentar o excelentíssimo senhor Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, presidente da República da Guiné Equatorial e a senhora Constancia Mangue de Obiang Nguema Mbasogo.

Senhoras e senhores Chefes de Estado e de Governos presentes na III Cúpula América do Sul-África.

Excelentíssimo senhor Hailemariam Desalegn, primeiro-ministro da Etiópia e presidente da União Africana.

Excelentíssimo senhor Nicolás Maduro, vice-presidente da Venezuela.

Senhora Maria Coloma Edjang, prefeita de Malabo.

Senhoras e senhores ministros integrantes das delegações.

Senhoras e senhores profissionais da imprensa.

Senhoras e senhores.

Eu tenho grande satisfação em regressar ao continente africano e visitar pela primeira vez a Guiné Equatorial.

Saúdo meus colegas africanos e sul-americanos. Muitos dos quais tive o prazer de receber no Rio de Janeiro durante a Conferência Rio+20. Agradeço especialmente ao presidente Teodoro Obiang e ao povo da Guiné Equatorial que nos acolhem de modo tão hospitaleiro, fraterno, generoso e cujo empenho resultou na excelente organização deste encontro.

Senhoras e senhores,

Esta III Cúpula ocorre em momento especial para a América do Sul e a África. Em contraste com o cenário internacional de crise econômica-financeira, que neste momento atinge de forma mais aguda a Europa, a chamada Zona do Euro, nossos continentes têm experimentado, nos últimos anos, considerável dinamismo com taxas de crescimento sustentadas, aumento da renda e redução da pobreza.

Foi-se o tempo em que nós éramos parte de uma periferia distante, silenciosa ou calada e problemática. O mundo em desenvolvimento tornou-se vital para a economia global, e já responde por mais da metade do crescimento econômico, e por mais de 40% do investimento em escala mundial.

Desafiando os céticos de sempre, a África e a América Latina são hoje uma região em processo de transformação política e econômica, que constrói suas nações, sua democracia, sua economia com estabilidade e olhando para sua população.

A África é um continente a cada dia mais rico em realizações e em possibilidades. Aliás, dos dez países com maior crescimento previsto até 2015, sete são africanos. O comércio entre a África e a América do Sul passou de US\$ 7 bilhões em 2002, para US\$ 39 bilhões em 2011. Um crescimento de 447% em dez anos. No entanto, ele é pequeno se nós considerarmos o nosso potencial. Ele é pequeno se nós considerarmos o tamanho dos nossos continentes, da nossa população, dos nossos recursos naturais.

Apesar da nossa corrente comercial ser equilibrada, ainda temos um percentual pequeno de intercâmbio – apenas 2,8% das vendas sul-americanas são destinadas à África, foram destinadas à África em 2011. Enquanto só 3% das exportações africanas orientaram-se para o mercado sul-americano. Portanto, o nosso potencial de crescimento do comércio intercontinental é excepcional. As perspectivas do crescimento nos nossos continentes também são muito boas. E isto ocorre em ambas as margens do Atlântico Sul. E, sem dúvida nenhuma, a parceria, a cooperação na ASA é um elemento estratégico e fundamental para que isto se materialize.

Senhoras e senhores, meus amigos, minhas amigas,

O Brasil construiu na última década - a partir da chegada ao poder do nosso ex-presidente Lula - um modelo de desenvolvimento que tem por eixo estruturante e por motor do nosso crescimento, do nosso crescimento econômico, a inclusão de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras, de trabalhadores a partir de uma nova visão de política econômica e social.

No nosso país sempre afirmaram as vozes do conservadorismo que primeiro o Brasil tinha de crescer e depois a gente poderia distribuir renda. O que nós descobrimos foi que: países possuem riquezas naturais, mas a maior riqueza de um país é a sua população. E por isso, nós acreditamos e desenvolvemos um modelo de crescimento em que a formação de um grande mercado consumidor, trabalhador e empreendedor é a base do crescimento econômico e também do resgate social, cultural e político.

Nós somos um país que tem uma raiz profunda na desigualdade. Como os senhores sabem, e nós nos orgulhamos muito das nossas raízes fincadas no continente africano, mas nós temos uma história de escravidão, de colonialismo, de desigualdade social que temos de resgatar. E por isso, ao olhar a década, essa última década no Brasil, nós olhamos com orgulho e satisfação. Nós geramos mais de 19 milhões de empregos, recuperamos o poder de compra dos salários e, com o nosso programa Bolsa Família, retiramos 36 milhões de brasileiros da condição de miséria. Nós aprendemos nesse caminho. E é por isso, que nos últimos dois anos do meu governo nós conseguimos retirar da miséria, da pobreza extrema, 22 milhões de brasileiros.

Talvez seja essa tecnologia social que está baseada na determinação política, que está baseada na eficiência de gestão, que está baseada, também, num firme compromisso e numa percepção da importância do povo brasileiro no desenvolvimento, que nós conseguimos formatar essa tecnologia social que é a nossa maior honra. Ela está baseada numa prioridade, a questão da miséria. Ela está baseada numa prioridade, a questão do povo brasileiro.

Por isso, a grande contribuição entre as grandes contribuições que o Brasil pode prestar, está todos os nossos programas sociais. Tanto baseados na renda como baseado ao acesso dos serviços públicos - como é o caso da eletricidade, da água; como é o caso também do acesso a serviços públicos de educação e saúde. Todos os nossos países têm um passado de desigualdade e tem de ser nosso compromisso superar.

Agora, nós sabemos no Brasil, que o fim da miséria é apenas o começo. É um glorioso começo, porque a partir daí as pessoas demandam melhoria na qualidade da educação, melhoria na produção de tecnologias, acesso à banda larga, acesso à internet, enfim, demandam todas aquelas condições que é dada por países mais desenvolvidos.

Por isso, paralelamente à questão do enfrentamento da miséria, nós também tomamos um conjunto de medidas para melhorar a produção e manter o cenário de quase pleno emprego em que o Brasil se encontra. E temos e compartilhamos muito dos problemas - todos os presentes, os dirigentes presentes nessa sessão enfrentam - o problema da infra-estrutura, do aumento da energia, enfim, nós aqui falamos a mesma língua porque temos problemas e histórias similares.

Mas eu estou aqui hoje para propor e construir parcerias concretas. Quero propor como mais uma parceria entre nós e para os países africanos no âmbito da ASA, uma parceira

na área da formação de professores e gestores para o ensino técnico profissionalizante para a formação de estudantes especialmente do setor agropecuário.

O Brasil e a África não só nós temos uma raiz cultural, social e histórica do ponto de vista da nossa nação, acredito que sejamos o país que tenha a maior quantidade de africanos na sua formação, mas também porque somos, fizemos parte de um mesmo grande continente. Portanto, características da agricultura brasileira estão presentes aqui na África, na medida em que nosso solo tem similaridade, os nossos climas têm similaridades, e nós demos um grande passo na questão da agricultura tropical e de toda uma política também de garantia e de combate à fome. Nós usaremos toda a rede que o Brasil tem de institutos federais de ensinos técnicos, profissionais. Usaremos a nossa Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a parceria com entidades empresariais do setor agrícola e do setor industrial para dar suporte à formação tanto de estudantes quanto de professores, de técnicos como de agrônomos, na área do ensino médio como na área do ensino universitário. Na última década, o Brasil ofertou mais de 5 mil bolsas de estudo de graduação e pós-graduação. Nós também criamos a universidade, a chamada Unilab, universidade voltada para a integração com a África e América Latina, que hoje já tem mais de mil estudantes. Mas nós queremos caracterizar essa cooperação e focá-la mais ainda em áreas que nós podemos fazer a diferença com a nossa cooperação.

Outra iniciativa importante que também nós colocamos à disposição é a Universidade Aberta do Brasil, de ensino à distância, que hoje já opera um pólo presencial em Moçambique. Estamos dispostos a ampliar essa rede especialmente para os cursos, repito, de agronomia e da área de saúde. Queremos também ampliar as parcerias de pesquisa científica e tecnológica em todos os campos. Com o apoio das 37 embaixadas do Brasil na África nós nos dispomos a oferecer cursos de língua portuguesa para facilitar o acesso aos programas mencionados.

Queria lembrar aos senhores que no passado nós construímos a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária enviando para o exterior na década de 70, 80, final da década de 70 e início da década de 80, enviando mil estudantes para os Estados Unidos e a Europa. A partir desses mil estudantes nós criamos, talvez, uma das tecnologias agrícolas mais competitivas do mundo. O que nós estamos oferecendo aos senhores é uma trajetória diferente dessa. Nós estamos oferecendo não só a formação lá no Brasil, mas também - com o apoio dos senhores - aqui na África, o que nós consideramos que nós temos de melhor. Aliás as atividades do escritório da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, em Gana; e de projetos como a fazenda modelo para produção de algodão, nos países do Cotton 4 e o Pró-Savana, em Moçambique, são exemplos bem sucedidos de cooperação para o desenvolvimento agrícola.

Na área da saúde, nós também temos muito interesse no estabelecimento do escritório da Fundação Oswaldo Aranha, que é a nossa fundação que produz remédios e vacinas. E aqui na África, a fábrica de produção de antirretrovirais, que amplia as fontes de suprimento de medicamentos e, nós queremos também nesta área, fazer transferência de tecnologia de conhecimentos acumulados pelo Brasil nesse campo.

Ao mesmo tempo, nós consideramos muito importante a diversificação das pautas comerciais e dos investimentos. Achamos que a parceria governo, ela tem de contemplar também a parceria entre empresas, a parceria também com a sociedade, a parceria

cultural. E, olhamos com muito interesse a formação de mecanismos de incentivo para que mais empresas, produtos e serviços, cruzem o Atlântico nos dois sentidos.

Saúdo, nesse sentido a aprovação do programa para o desenvolvimento da infraestrutura na África, com a execução pelo Banco Africano de Desenvolvimento, que inclui projetos de infraestrutura energética, transporte, tecnologia da informação e recursos hídricos.

Nós achamos importante e fundamental, e por isso estamos abertos e motivados a construir o grupo de trabalho que irá definir de forma muito clara as condições para um fundo de financiamento de projetos em todas as áreas nas nossas regiões. Esse fundo de financiamento terá de ser colocado em pé e aí se definirão os fundings, as participações e os métodos de liberação de recursos.

Na área da política internacional eu ressalto os grandes avanços institucionais nos dois continentes. Saúdo na América do Sul, a formação da Unasul que une todos os países do continente, e que tem afirmado um perfil muito claro em favor do desenvolvimento, da distribuição de renda, da ampliação da renda, do emprego e da democracia em nossos países. A União Africana, por sua vez, pavimenta a construção da paz e a consolidação da democracia nesse lado do Atlântico. Unasul e União Africana são dois elementos cruciais da ASA e da nossa cooperação.

Em janeiro, em Montevideu, fortalecemos nossa Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, a ZOPACAS. Os acordos da Comunidade Econômica dos Estados da África Central evitaram a escalada de conflito. A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental e a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa têm apoiado a ordem constitucional. A situação no Sahel suscita preocupações. Consideramos que o encaminhamento para a situação no Mali deve seguir moldura definida pelo Conselho de Segurança da ONU e envolver - sobretudo e essencialmente – a participação de países africanos.

Para o Brasil é urgente a reforma da ONU. Nada justifica que África e América do Sul permaneçam sem representação permanente no Conselho de Segurança. É também urgente a reforma na governança do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial para que esses organismos multilaterais sejam mais sintonizados com as demandas, com os pleitos e com os anseios do mundo em desenvolvimento.

Na Conferência Rio+20 nós incorporamos crescimento com a inclusão social à agenda da sustentabilidade. Os interesses comerciais e as nossas parcerias econômicas recomendam esforços articulados para expressão dos nossos interesses na Organização Mundial do Comércio. Temos a oportunidade de constituir um amplo entendimento na eleição do novo diretor-geral dessa importante instituição multilateral. O Brasil oferece uma candidatura.

Senhoras e senhores, estamos unidos em um grande projeto comum. Um projeto de crescente aproximação e de objetivos compartilhados. Uma parceria entre iguais, diferentemente do que fizeram conosco ao longo de várias e várias décadas. Uma parceria entre iguais que se constrói no respeito mútuo, voltada para o desenvolvimento e para o bem-estar de seus povos. Uma parceria que não admite que se introduza em qualquer relacionamento entre os nossos países ou nossas empresas exigências extra-pauta, exigências estranhas e muitas vezes que não atendem o interesse das nossas

nações. Sobretudo exigimos uma parceria voltada para o desenvolvimento e o bem-estar dos nossos povos em que ela só é admissível se nós todos ganharmos.

Acredito, do fundo do coração, que o século 21, as próximas décadas, serão de afirmação do mundo em desenvolvimento e, especialmente, da África e da América Latina. Nós temos a oportunidade histórica de reduzir a distância, tanto econômica quanto social, que ainda nos separa dos países mais avançados. Seremos – África e América do Sul – protagonistas decisivos desse novo cenário histórico e de uma cultura de paz, solidariedade, justiça social e cooperação fraterna. Alegria e honra pensar que nós podemos fazê-lo juntos. Viva a Unasul e a América do Sul. Viva a África. Viva a Ásia. Vamos juntos. Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após cerimônia de assinatura de atos

Abuja-Nigéria, 23 de fevereiro de 2013

Cumprimentar as delegações brasileira e nigeriana.

Cumprimentar os nossos jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

É, sem dúvida, um prazer estar aqui na capital da Nigéria e dar continuidade ao diálogo iniciado com o presidente Goodluck Jonathan na Rio+20.

Eu queria demonstrar meu profundo agradecimento à hospitalidade do governo e do povo nigeriano. O povo brasileiro vai retribuí-la, em junho deste ano, com uma calorosa acolhida à sua talentosa seleção de futebol durante a Copa das Confederações - dentro, portanto, de alguns meses.

O povo brasileiro e o povo nigeriano compartilham muitas coisas. Sem sombra de dúvidas, entre as numerosas etnias africanas, e com a diáspora, foram ao Brasil a etnia iorubá ou yoruba e a etnia haussá integram, hoje - através da sua contribuição cultural, artística - integram a nacionalidade brasileira.

Por isso, além de ser importante porque os nossos dois países são países importantes nas nossas respectivas regiões e nesse mundo multipolar, há o estreitamento das relações entre o Brasil e a Nigéria. Sem sombra de dúvida, vai significar um aumento da nossa posição internacional.

Por isso, instituímos hoje o mecanismo do diálogo estratégico Brasil-Nigéria, e se destina a incrementar tanto o comércio bilateral quanto estimular parcerias tecnológicas, científicas, e fortalecer nossos parques industriais e produtivos. Mas eu insisto, sobretudo, significa reafirmar a importância de duas regiões do mundo, África e América Latina, na construção de um mundo multipolar.

O ex-presidente Nigeriano Obasanjo, e o ex-presidente Lula estabeleceram as linhas ao formatar na ASA, África e South America Summit, ao formatar este relacionamento, tiveram a visão estratégica, que cabe a mim e ao presidente Jonathan realizar.

Nosso intercâmbio tem crescido muito. De 2009 à 2012, anos de crise, cresceu e já chegamos no último ano a US\$ 9 bilhões. Nós concordamos que é preciso torná-lo mais diversificado e mais equilibrado. Há 14 anos a Petrobras está aqui na Nigéria produzindo petróleo, pretende ampliar essa produção e pretende estabelecer cada vez mais uma presença marcante aqui na Nigéria.

Nós queremos ir além, nós queremos estabelecer uma parceria, também, na área de energia elétrica dada a capacidade do Brasil na área de geração hídrica e na construção de um grande sistema de transmissão. Queremos, portanto, ampliar a nossa parceria nessa área.

Queremos intensificar o apoio aos esforços do governo nigeriano em prol do desenvolvimento agropecuário. Pretendemos compartilhar nossa experiência em máquinas, equipamentos agrícolas, no fato de que novos métodos e técnicas produtivas adaptados ao Cerrado são adequados aqui na Nigéria dado - isso que o presidente Jonathan marcou muito bem - que é o fato de sairmos de um mesmo continente. Vamos aprofundar nossa parceria por meio da Embrapa, que é a Empresa Brasileira de Tecnologia [Pesquisa] Agropecuária. Nós vamos, sobretudo, dedicar uma atenção especial à formação profissional de técnicos e agrônomos, seja em áreas de pós-graduação, de graduação, quanto de formação técnica.

Estamos analisando novos instrumentos de financiamento, de investimentos em infraestrutura. E vamos ampliar a presença do Brasil em todas as áreas que o governo nigeriano julgar importante tais como: produção de vacinas antirretrovirais, medicamentos genéricos de alto custo, dando apoio ao governo nigeriano nos seus esforços no âmbito de saúde pública.

Nós concordamos em trocar conhecimentos e experiências de combate à pobreza, e segurança alimentar, que os nossos dois países têm de enfrentar.

Estamos muito honrados com o fato, o fato do Brasil ser o tema do Festival de Cultura Negra em Lagos, em outubro de 2013. E deste festival nós participaremos de forma muito ativa.

Vamos cooperar na área de defesa e segurança. E na área internacional, defendemos a necessidade da presença da África e da América Latina no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Conversamos também sobre a importância de participarmos na estabilidade, principalmente, no caso da Guiné Bissau. O Brasil e a Nigéria são países com grandes populações. Somos ricos em recursos naturais. Culturalmente, etnicamente dizendo, temos uma rica cultura.

O Brasil e a Nigéria são países que têm um papel neste século XXI, eu estou certa, e nós temos um papel a cumprir enquanto a crise econômica, que atinge os países desenvolvidos, diminui o comércio naquela direção. Nós devemos estreitar as nossas relações, ampliar o nosso comércio, aumentar os nossos investimentos. Sem dúvida, a Nigéria é parte relevante da história do Brasil, e será, cada vez mais, parte do nosso futuro.

Muito obrigada.

Brinde da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço oferecido pelo Presidente da República Federal da Nigéria, Goodluck Ebele Jonathan

Abuja-Nigéria, 23 de fevereiro de 2013

É com grande alegria que realizo a minha primeira visita oficial à Nigéria, nação com a qual o Brasil mantém sólidas relações de amizade e cooperação.

Agradeço o comparecimento do presidente Goodluck à Rio+20, e venho dar continuidade ao diálogo que iniciamos lá no Rio de Janeiro.

O acordo que nós assinamos hoje, estabelecendo mecanismo de diálogo estratégico, que será presidido pelos nossos vice-presidentes, o que evidencia a importância que nós damos ao nosso relacionamento, vai permitir a ampliação da nossa cooperação, vai permitir o estreitamento dos nossos laços culturais, vai permitir que Brasil e Nigéria reforcem mutuamente a importância nacional, regional, e, sobretudo, a presença nos organismos multilaterais.

Nós vamos trabalhar séria e determinadamente para tornar cada vez mais equilibradas e mais produtivas as nossas relações de comércio. Vamos, somar esforços em projetos de infraestrutura, buscando maior participação de empresas brasileiras na Nigéria e construindo formas de financiamento mais adequadas. Daremos atenção a iniciativas de geração elétrica, construção viária, desenvolvimento agrícola, ciência e tecnologia, formação de recursos humanos, produção de medicamentos genéricos e vacinas.

Mas eu quero falar agora, sobretudo, da amizade, da gratidão e da fraternidade que une o Brasil e a Nigéria. Pela imensa contribuição da Nigéria e da África na formação da sociedade brasileira. Nossa história, nossos povos, nossa cultura se entrelaçam e carregam marcas de um passado colonial doloroso, que temos obrigação de superar, estreitando os vínculos, ampliando a nossa amizade, construindo uma cooperação fraterna, e permitindo que as nossas sociedades busquem um desenvolvimento econômico socialmente inclusivo.

Brasil e Nigéria querem construir sociedades mais justas, mais desenvolvidas, democráticas e isentas de conflitos. A Nigéria e o Brasil constituem eixo importante da Cooperação Sul-Sul. A Cooperação Sul-Sul não é uma fórmula vazia, ela expressa a nossa crítica às formas chamadas cooperativas, que países coloniais do passado e alguns países desenvolvidos deste século, tentaram estabelecer com as nações em desenvolvimento. E essa crítica está baseada no reconhecimento que a cooperação verdadeira está baseada numa visão que respeita interesses mútuos, características de cada país, e tem por objetivo construir uma forma de relacionamento que leve ao desenvolvimento de ambos os países. Acredito que temos nossa contribuição importante a dar à Cúpula América do Sul e África, construída em Malabo.

Queridos amigos e amigas presentes, brasileiros e nigerianos,

O Festival da Cultura Negra de Lagos, em outubro deste ano, que será dedicado ao Brasil, celebrará nossas múltiplas afinidades. Iremos participar ativamente dele e transformá-lo numa celebração das nossas culturas. Convergimos na aspiração de tornar a ordem internacional mais democrática e justa. As instituições de governança global não

podem ignorar a crescente importância da África e da América do Sul. E isso deve estar expresso numa das principais instituições, que é o Conselho de Segurança da ONU.

Temos buscado também, senhoras e senhores, atuar em sintonia com as organizações africanas. Apreciamos o papel da Nigéria, da União Africana na manutenção da paz e da estabilidade regional. Nossos países devem trabalhar conjuntamente em benefício da construção da paz e da estabilidade da Guiné Bissau.

Caro presidente e amigo Jonathan, quero aproveitar esta oportunidade para congratulá-lo e ao povo nigeriano pela recente conquista da Seleção Nigeriana de Futebol este ano da Copa Africana de Nações. Asseguro que sua seleção será muito bem recebida no Brasil, em junho, para a Copa das Confederações. Tenho certeza que o presidente Goodluck Jonathan e eu assistiremos juntos a final Brasil e Nigéria no Maracanã.

Senhor presidente,

Vamos nos unir mais uma vez em momento de grande alegria popular, que é uma característica de brasileiros e nigerianos. Como diria o grande escritor Chinua Achebe, vamos iluminar a nossa Cooperação Sul-Sul baseados na convicção que expressa num trecho que ele escreveu: “deixe que venham ver homens, mulheres e crianças que sabem como viver, cuja alegria de viver ainda não foi aplastada por aqueles que se crêem capazes de ensinar as outras nações como viver”.

Agradecemos, senhor presidente, a generosa hospitalidade que o povo nigeriano concedeu a mim e à minha delegação, proponho um brinde à saúde de vossa excelência, ao povo nigeriano e à amizade do Brasil e a Nigéria.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na 40ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES

Palácio do Planalto, 27 de fevereiro de 2013

Boa tarde a todos conselheiros e conselheiras.

Eu queria cumprimentar o ministro Wellington Moreira Franco, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, que coordena em nome do governo, a relação com o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.

Cumprimentar o Nelson Barbosa, o ministro interino da Fazenda; a ministra Tereza Campello; o ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Em nome deles cumprimento aqui todos os ministros presentes.

Queria cumprimentar os conselheiros que fizeram uso da palavra Paulo Godoy, presidente da Abdib; Jacy Afonso de Melo, secretário de organização da CUT; Luiz Aubert Neto, presidente da Abimaq; Germano Rigotto, presidente do Instituto Reformar e ex-governador do estado do Rio Grande do Sul.

Queria cumprimentar as senhoras conselheiras e os senhores conselheiros.

Cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Essa é a primeira reunião de um ano muito especial para esse Conselho. A gente não sabe quando a humanidade começou a ter como referência, décadas. Mas, seguramente, esse Conselho, ao fazer 10 anos, mostra um compromisso imenso, eu acho, dos

senhores com o país, e isso, para qualquer sociedade, para qualquer nação é algo fundamental.

Um país que não tem sociedade civil, que não tem empresários organizados, trabalhadores, representantes dos estudantes, representantes da sociedade civil, intelectuais, jornalistas, ele não tem o tecido social para sustentar a mudança e estar atualizado e atento às necessidades da nação e às necessidades de seu povo.

Eu acredito que as análises ao longo desse 10 anos, elaboradas por esse Conselho e, ao mesmo tempo, as recomendações, elas tiveram um papel importante em tudo que nós construímos até agora. Não quero compartilhar com os senhores os nossos erros. Quero compartilhar com os senhores os nossos acertos. E uma característica desse fórum que eu acho importante é o fato dele ser plural, dele ter essa capacidade de mostrar diferentes opiniões, diferentes posições, buscar um consenso, mas ao mesmo tempo ser capaz de externá-las.

E o tema deste fórum, o tema do Conselho do 40º Pleno do Conselho, num mundo que as instituições tendem a ter uma taxa alta de mortalidade, é muito significativo dar suas contribuições. O tema é um investimento produtivo no Brasil. Acho que mais do que nunca, nós temos de olhar esta questão.

Eu sempre acredito que o longo prazo, ele é importante que a gente delinear ele – porque é o que nós podemos fazer como seres humanos, é delinear ao longo prazo – ele é muito importante que isso ocorra, porque isso ilumina o presente, onde nós queremos chegar.

Por isso, eu acredito que começar aqui a minha fala no Conselho passa necessariamente por aonde eu acho que nós queremos chegar. Eu acho que nós queremos chegar a ser uma nação desenvolvida. E eu disse: Nação desenvolvida. Nós queremos ser um país de classe média, e para sermos um país de classe média nós temos uma trajetória a cumprir. Nós queremos que a taxa de investimento seja 25%. Mas nós queremos isso porque nós queremos uma renda per capita muito mais significativa e elevada do que a atual. É por isso que nós queremos uma taxa elevada de investimento. É porque nós queremos este país com uma característica única. Que é o fato de sermos um país continental, democrático, sem conflitos étnicos, mas também um país com uma população significativa. Nós queremos, inclusive, que essa população cresça e que ela dê respaldo ao que nós pretendemos.

Por isso, no curto prazo nós temos essa imensa tarefa que é acelerar o ritmo do crescimento e estimular as inversões nas áreas transformadoras. Áreas transformadoras do quê? Áreas que possam transformar a competitividade do nosso país, para conseguir que tenhamos capacidade de aumentar essa renda per capita. É para isso que nós queremos aumentar a competitividade e aumentar investimentos.

Eu acredito que esse desafio é um desafio do governo, dos empresários, da agricultura, dos serviços, do setor de educação brasileiro e do setor de ciência e tecnologia. E ele precisa de vontade política, de diálogo franco e precisa de parceria. Nós temos de romper com algo que é muito característico do nosso país, é muito característico do nosso país e que eu acho que é uma contradição falsa. A contradição entre o público e o privado. É óbvio que os segmentos privados e os segmentos da sociedade – não estou falando só o empresário – têm interesses próprios e eles são importantes, eles movem as suas áreas

específicas. Mas é obvio, também, que todos são capazes de perceber como um interesse público beneficia um interesse maior, beneficia a cada um.

Então, eu acho que tem de acabar a contradição no Brasil de que ou se faz algo público ou se faz algo privado. Eu acho que esse Conselho expressa isso. Por isso, eu uso da palavra para dizer que eu acho que nós temos todas as condições para perceber que há no Brasil uma grande maturidade no sentido de que é necessário a ação público-privada. E eu não estou falando em PPP, estou falando em todas as atividades, mesmo aquelas em que não fique claro como numa PPP que tem uma parceria público-privada.

Desde o início do meu governo, e de forma mais intensa no último ano, nós tomamos todas as medidas que nós achávamos adequadas. Algumas tinham o caráter de urgência do curto prazo. Mas nenhuma delas deixou de considerar que o país precisa mudar, e mudar em direção a ter uma maior competitividade.

Nós sabemos que o mundo desta década é diferente do mundo da década passada. Nós sabemos disso. Todos nós estamos vendo isso em todos os jornais. Nós sabemos que houve uma crise do Lehman Brothers, em setembro de 2008, que ela se aprofundou, que essa crise, que foi aguda naquele momento, se cronificou ao chegar na Europa, que na Europa houve um risco imenso no ano passado de uma crise aguda, novamente. Essa parte foi superada. Eu acredito que os tremores da crise, na maioria dos países, este ano, são muito mais suaves. Acho que tem um cenário bastante favorável com, primeiro, com o fato da China ter feito o que se chama uma aterrissagem suave. Esperava-se que sua taxa de crescimento caísse abaixo de 7,5%, ela está se sustentando num nível maior, em torno de 8,5%. Tudo indica que vai retomar, é óbvio, fazendo seus ajustes – porque todos estão fazendo seus ajustes. E sabemos das ameaças. Em todo o mundo a indústria está procurando mercados. Em todo o mundo. A queda do PIB dos países desenvolvidos - principalmente daqueles produtores de manufatura, máquinas e equipamentos - é muito forte. Os dados da Alemanha comprovam isso. Os dados, a política, o *quantitative easing* japonês mostra que houve uma necessidade dada do Japão de tomar alguma medida para ver se a sua economia despertava.

Nesse contexto, eu acredito que nós viemos tendo uma posição bastante - eu diria assim - ofensiva em relação à situação do Brasil. Ofensiva por quê? Porque nós percebemos, o governo percebeu, os senhores perceberam que era necessário tomar medidas em direção à competição, em direção ao aumento da eficiência, em direção à resolução de gargalos. Resolvemos todos? Não. Mas seguramente as medidas que tomamos, elas se dirigem, elas dialogam, todas elas, com problemas que o Brasil realmente tem. E isso, eu queria registrar mantendo, o que é um absurdo é dizer que nós não mantemos todos os nossos compromissos com os pilares da estabilidade.

Nós mantemos a inflação sob controle, e achamos que a inflação é um valor em si, na medida que ela garante, não só os ganhos do salário, elas garantem também o controle da inflação, garante também a capacidade de previsão do governo, dos empresários e os ganhos dos empresários e dos trabalhadores. Nós mantemos a política de câmbio flexível, mantemos uma política de robustez fiscal.

Quando no Brasil, no passado, a gente teria uma relação dívida-PIB de 35%? Quando? Quando, no passado, nós teríamos essa situação que temos, também de robustez, na área externa, com as nossas reservas? E o Brasil tem caminhado no sentido de atacar

esse problema, porque esse problema é crucial, porque ele não é crucial só porque a gente tem que garantir a competição daquela indústria. Porque as coisas ficam fortes quando o interesse de cada um coincide com o interesse de todos. Para que nós sejamos um país que responda às modificações sociais que a ministra Tereza Campello mostrou, nós temos de aumentar a nossa competitividade. Nós não vamos ser um país de classe média achando que a população, que esses 100 milhões de brasileiros que hoje compõem essa classe, vão assistir calmos e tranquilos a diminuição da nossa produtividade, as nossas taxas de juros, o nosso custo de infraestrutura. É uma exigência do país. É uma exigência da democracia, da economia, da sociedade. Por isso é algo que tem absoluta consistência com o que nós temos de fazer e de enfrentar.

Nenhuma das medidas que nós tomamos, nós tomamos por alguma pretensão de achar que o Estado tudo resolve. Nenhuma delas. Todas as medidas que nós tomamos era pela percepção de que o Brasil precisava, já, já, alterar o que nós vimos fazendo, porque, não é por algo negativo, é por algo muito positivo, é porque nós evoluímos. Quando você evolui, é exigido de você dar um outro passo, um passo qualitativo, ou seja, porque teve um processo de construção do mercado interno, expansão do Brasil, solidez fiscal e o fato de que nós nos afirmamos no mundo é que nós temos de dar esse novo passo em busca de maior competitividade. E isso os empresários também defendem, os trabalhadores também. Os empresários têm tido uma participação efetiva. A CNI, por exemplo, na questão da inovação do meio.

Ao mesmo tempo, algumas questões se impõem ao país: nós temos de ter, não temos mais porque, porque ficamos um pouco mais robustos, somos mais estáveis, não temos, não temos uma situação fiscal deteriorada. Pelo contrário, podemos com isso ir tomando medidas, como foi a da caderneta de poupança, reduzir os juros. Foram criadas as condições para isso, foram criadas as condições para que nós reduzíssemos impostos. Alguns tiveram de ser pontuais, sim, porque os setores precisavam. Outros têm de ser horizontais, porque serão transformações que vão ocorrer e mudar a nossa estrutura tributária. Eu concordo, nós temos não só irracionalidades na nossa estrutura tributária, nós temos deficiências na nossa estrutura tributária. Mudamos a questão da tributação, buscando desonerar as folhas de pagamentos porque, não se iludam, os países vão sair dessa crise com custo do trabalho menor. Nós, em pleno emprego, temos de buscar a desoneração do trabalho, da diminuição da incidência de impostos.

Uma questão fundamental que foi criada uma discussão bastante, eu diria assim, complexa, foi a questão da energia. A questão da energia, justiça seja feita, foi levantada na FIESP, e bem levantada. O Brasil não pode continuar tendo um custo de energia tão alto. Como não se acaba com isso do dia pra noite e nós temos uma vantagem que são hidrelétricas, nós temos condição de reduzir o custo de energia sem romper um único contrato. Por que temos de fazê-lo? Porque esse é um instrumento estratégico para o país. Custo de energia alto é algo negativo.

Agora, é importante perceber que nós fazemos isso garantindo a segurança energética desse país. Esse país tem segurança energética. Hoje, nós temos, antes da entrega dos 10 mil MW que entram esse ano, nós temos 14 mil MW de térmicas. Nunca tivemos isso na vida. Despachar térmica é parte do ofício, até porque nós, todos nós aqui, defendemos que nós não podemos construir reservatórios imensos. Para não construir reservatórios

imensos, nós vamos ter de usar térmicas. Isso está previsto, o sistema é hidrotérmico. O que não é admissível para o país é que se crie instabilidade onde não há instabilidade. Exemplo: não é admissível que se diga que vai haver racionamento quando não vai haver racionamento. As mesmas vozes que disseram em dezembro e janeiro que ia haver racionamento se calam. E a consequência é nenhuma, o que eu acho que é irresponsabilidade. O que afeta a vida das empresas, a vida das pessoas, nós temos de ter cuidado, porque se coloca uma expectativa negativa gratuita para o país.

Mas continuando... Além disso, nós somos um país que somos obrigados a olhar para duas coisas simultaneamente: o que há de mais terrível e atrasado numa sociedade, que é a miséria ou a pobreza extrema, e o que há de mais avançado numa sociedade, que é ciência, tecnologia e inovação. E é simultâneo, não dá para falar “primeiro eu faço isso e depois eu faço aquilo”, temos de dar conta das duas coisas simultaneamente.

E aí, é muito importante perceber o que é que nós fazemos complementando a questão, a gente fala “é um modelo de desenvolvimento com inclusão social e distribuição de renda”. Perfeitamente. Então do que se trata “de distribuição de renda e inclusão social”? Bom, se trata de nós termos de eliminar a miséria extrema. A gente elimina com renda, de forma imediata e, depois, tem dois caminhos. Esses dois caminhos são inexoráveis. Um, para os adultos, é trabalho, emprego, trabalho, emprego, formação profissional, que nós precisamos para aumentar a produtividade do trabalho. Mas também precisamos para garantir a estabilidade dessa superação da extrema miséria. O outro caminho, que é o das crianças e do jovens, é educação. Nosso país precisa de educação. Aqui, eu agradeço imensamente à CNI e às federações a parceria no Pronatec. Acho que um grande passo que nós demos em comum nessa parceria entre o setor público e o setor privado é a questão do Pronatec. É esse desafio de garantir formação técnico-profissional. Só o governo não conseguiria, porque não tem as estruturas. Só a CNI ficaria muito pesado, só a estrutura do Senai, não posso falar só da CNI, tenho de falar do pessoal da agricultura, porque o Senar tem feito também um trabalho fantástico nessa área.

Isso significa que esse caminho, que é o dos jovens e das crianças, tem que ser trilhado, no caso do Brasil, como creche, nós temos que ter creche. Toda a neurociência mostra que as crianças precisam, podem, devem, elas são o futuro, elas podem e devem ser estimuladas justamente no início da vida. A creche é a forma de a gente equilibrar, não é só para as mulheres – nós, mulheres, precisamos disso, tudo bem – mas não é só por causa de a gente ter onde deixar os filhos, é para os filhos terem onde serem deixados. É para os filhos terem condições efetivas de serem estimulados. Ali começa a desigualdade. Uma criança de classe média no Brasil, ou uma criança – qualquer um de nós que tem filhos ou netos sabe perfeitamente bem a quantidade de historinha, de brinquedo e de conversa que nós dirigimos para uma criança. Nós temos que ter esse cuidado com as crianças também, que são essas crianças da extrema pobreza.

Nós temos de ter também alfabetização na idade certa no Brasil em geral. E aí entra uma questão, eu vou aproveitar e falar aqui, mas eu trato dela depois. O Brasil tem uma questão seriíssima, que é a questão das desigualdades regionais. Nós temos de enfrentar a questão das desigualdades regionais, e esse é um problema que afeta... fiquei muito contente ontem, recebi da CNI um estudo sobre o Nordeste, já tinham me apresentado o

do Sul. O estudo das desigualdades regionais passa pela infraestrutura e passa pela questão da educação. Por que? Porque alfabetizar na idade certa, por exemplo, é algo crucial, é algo crucial não só para as crianças, é algo crucial para os governos. O custo de alfabetizar alguém depois é altíssimo, e difícil. Agora, se a gente alfabetizar na idade certa, a questão muda. Então, creche, alfabetizar na idade certa e escola em tempo integral são fundamentais. Por isso nós enviamos para o Congresso uma medida provisória propondo o uso dos royalties na educação. Por que? Aí não basta só investir em prédio, não basta só investir em prédio. Nós temos de pagar professor, nós temos de transformar a atividade de ensino numa atividade de alto status no Brasil.

Ninguém, ninguém deu qualificação para a educação sem isso. Ninguém deu, no mundo. Nós temos de fazer isso. E, eu acredito que mexer na questão da competitividade é mexer também na formação e construção de laboratórios, quanto mais construirmos, melhor. Por isso que nós fizemos também o Ciência Sem Fronteiras, em estabelecer uma política unificada de ciência e tecnologia. Nós estamos fazendo no governo, um grande esforço como ministro Raupp, no sentido de unificar toda política, o gasto governamental de ciência e tecnologia, da racionalidade, direção e foco para ele. Porque esta é uma condição fundamental para os passos do país. Uma parte é dinheiro que o governo brasileiro colocará em ciência, tecnologia e inovação. Agora, outra parte é a presença dos senhores ajudando-nos nesta atividade.

Queria dizer também, que eu acredito que nós devemos ter uma racionalidade nos tributos. Esse ano, nós buscaremos isso: racionalidade nos tributos. É óbvio que nós não temos todo o dinheiro do mundo para fazer desoneração, mas, o ano passado, nós fizemos desonerações significativas. O governo vem tendo esse compromisso. O que nós não conseguimos é fazer tudo de uma vez só. Não é razoável, provoca desequilíbrio.

Queria dizer para vocês que nós fizemos um imenso esforço na área de infraestrutura e queremos que esse esforço tenha um resultado. Estamos fazendo uma apresentação internacional em alguns grandes centros. Qual é o objetivo dessa apresentação? Nós acreditamos que o Brasil precisa, o modelo de rodovias é um modelo simples, já testado. Nós somos um país que precisa de ferrovias. Nós somos... nós precisamos de ferrovias, é impossível continuar transportando minério, é impossível continuar transportando grãos só por estrada. Nós temos de ter rodovias e temos de ter hidrovias. O modelo de ferrovias é ele... ele vai estar, agora, sendo objeto de avaliação dos investidores nossos, privados-nacionais, privados-internacionais, e queremos que essa seja uma solução enormemente bem-sucedida, porque estamos fazendo dez mil quilômetros. Dez mil quilômetros, para quem tem o que nós temos, é muito, mas, para o que nós precisamos, é pouco.

Esta é a primeira etapa de um programa de ferrovias. Nós teremos de fazer uma segunda etapa. O governo está consciente disso, está consciente de que o volume de investimentos necessários é vultoso e que, por isso, é muito importante que esses investimentos sejam investimentos bem feitos, com estabilidade jurídica clara, remunerados devidamente, com financiamento de longo prazo. Não há financiamento... aliás, não há construção nem investimento de longo prazo – investimento, por exemplo, em hidrelétrica, investimento em ferrovia, investimento em qualquer infraestrutura – que não tenha uma correspondência no financiamento de longo prazo.

Eu sei, porque eu vivo essa briga há dez anos. Eu entrei no governo, o máximo que se financiava no Brasil – você se lembra, né, Godoy, que o máximo que se... vários aqui se lembram –, o máximo de tempo que se financiava, no Brasil, era sete anos. O longo prazo nosso era de sete anos, o que era difícil de fazer um financiamento de sete anos numa hidrelétrica de grande porte. Nós já temos uma estrutura de financiamento. Nós vamos ter de buscar novas formas, não só ação, mas nós vamos ter de entrar em debentures, FIDCs, mas nós temos de ter essa estrutura. Nós vamos ter de ter seguro, garantia. Nós teremos de ter esses instrumentos. O governo está absolutamente atento a isso. E temos de ter taxas compatíveis com um financiamento de 35 anos.

Eu queria me deter aqui em portos. O Brasil tem de abrir os portos. Nós temos um imenso custo desnecessário em portos. Abrir os portos não significa tirar um, um ou meio ou um milímetro de direito do trabalhador portuário. Pelo contrário, nós mantivemos intacta a forma pela qual esses direitos foram garantidos. Agora, implica necessariamente em abrir a concorrência. Implica necessariamente porque um dos nossos custos, chamado Custo Brasil, lá fora, é portos. Daí porque nós também fizemos esse modelo.

A outra questão que nós fizemos foram aeroportos. Além da participação público-privada nos aeroportos, eu acho que é imprescindível que o país tenha uma estrutura regional de aeroportos e que crie uma aviação regional. Nós somos um país continental, esse país continental tem de ter essa estrutura. Daí porque nós estamos com essa política de construir 280 aeroportos. Eu não digo construir porque alguns é ampliar, outros é de fato construir, outros de fato é modificar completamente o aeroporto e dar condições para operação da aviação comercial. E vai ter também aeroporto para aviação, a chamada aviação geral. Eu acredito firmemente que na área de energia nós vamos dar um grande salto esse ano. São três os leilões que estão previstos: para maio, o leilão de concessão, para novembro, o primeiro leilão de partilha, e para dezembro, o leilão do chamado gás não-convencional, o *shale gas* ou *tight gas*.

Além disso, nós vamos manter as licitações de energia elétrica. Além disso, nós vamos dar esse ano... e aí, Pedro Parente, dar uma importância estratégica à questão do etanol. O setor teve várias dificuldades, vem tendo e o governo fará isso. Acredito que, além disso, nós temos muitas outras coisas a resolver. Nós temos de buscar sempre essa articulação público-privado em todas as áreas em que estivermos. Isto não prejudica o público, o público tem o seu espaço, nem prejudica o privado que tem o seu e as suas regras. Mas, a interação permite que nós resolvamos cada problema bastante difícil. Não foi assim quando nós criamos o Prouni? Foi assim. O que é o Prouni? O Prouni é uma relação entre, e hoje o Prouni está com um milhão e cem mil alunos que cursaram uma universidade, uma faculdade pública. Foi assim que nós fizemos o ProUni. O governo cedia uma parte do tributo e o empresário dava uma parte da oportunidade do estudo. Esta é uma solução criativa na área da educação, que é dever do Estado. É uma forma de o Estado cumprir seu dever. Como? Investindo através deste método. Nós temos de encontrar sempre a capacidade de construir isso e de ofertar melhores serviços para a população, porque vocês não tenham dúvida, a mãe que colocou lá o filho na creche vai querer que ele estude numa escola de tempo integral. A mãe que botou uma criança para entrar no ProUni, vai querer que ele tenha acesso ao Ciência sem Fronteiras. A mãe que teve acesso – a mãe ou o pai que teve acesso – a... pela primeira vez no século XXI, a

energia elétrica, que é do século XX, vai querer o acesso que é um acesso do século XXI, que é banda larga.

Por isso, eu quero dizer que o governo considera agora a questão da banda larga, uma questão fundamental na área de infraestrutura. Nós, além de acharmos que a infraestrutura tradicional, ela é importante, que a energia é fundamental, consideramos que a banda larga é estratégica para este país. Não haverá... nós não daremos os passos para uma economia do conhecimento sem educação, sem ciência e tecnologia, e também sem toda a estrutura que a banda larga permite, tanto para as empresas como para os usuários.

Nós, que queremos uma sociedade de classe média, queremos um país de classe média, nós que vamos buscar isso como uma forma de garantir que todo cidadão seja um consumidor com direitos, somos aqueles que fizeram o Minha Casa, Minha Vida também escutando os empresários, não foi? Foi com você, [Paulo] Safady, que eu... nós tivemos várias reuniões para formatar uma coisa do plano... do Minha Casa, Minha Vida que é essencial: a faixa 1 de renda tem de ter subsídio. Não tem – como diriam no Rio Grande do Sul, né? –, não tem gregrê para dizer Gregório. Ou tem subsídio ou você não consegue fazer dar acesso à população.

Tudo isso significa que, eu acredito firmemente, os nossos desafios serão crescentemente outros. Nós estamos mudando de patamar. Não porque queiramos. A sociedade nos imporá patamares diferenciados. Ela impõe também um cuidado extremo com a questão do uso do dinheiro público. Esse é um país que não tem condições mais de não levar em conta a mais estrita ética, a maior transparência e maior controle dos gastos públicos. Critérios de gestão meritocráticos para o governo, critérios de gestão técnicos nas áreas técnicas. Isso não significa a despolitização no sentido maior da palavra política. Porque eu concordo, acredito que foi o governador de Sergipe que disse outro dia, não há... sem vontade política, ninguém faz. O Bolsa Família, o Brasil sem Miséria e não faz também Brasil Carinhoso. Tem de ter um certo... eu não diria certo não... tem de ter um grande compromisso com os pobres desse país. Um grande.

Não podemos achar que critérios técnicos iluminem um programa dessa ordem. Não ilumina. Nós tivemos, óbvio, de fazer toda uma engenharia, uma tecnologia social. Criamos um cadastro, porque não existia cadastro. É conversa que tinha cadastro. Nós levamos um tempão para fazer. E para limpar o cadastro, e para ver se não tinha gente em duplicidade? E até hoje fazemos isso.

Depois nós criamos um cartão. O cartão é estratégico, sabe por que? Porque o cartão tira o intermediário. Ninguém pode chegar para a pessoa que recebe e dizer eu dei. O cartão é dele, é dele como cidadão. Ele recebe diretamente no banco, sem intermediário. E aí tem uma coisa muito importante, que foi ter dado – me desculpem os homens – para as mães, para as mulheres. Por que? E não foi eu que disse, foi um homem que disse: se a gente dá para os homens, vai aumentar o consumo de cerveja. Como nós queremos aumentar a comida das crianças, dá para a mulher. Mãe não desleixa, mãe dá para o seu filho. Esse homem foi o presidente Lula. Por isso, eu acredito que é muito importante que nós tenhamos clareza desse momento em que nós estamos vivendo. Por quê? Porque são cidadãos consumidores. Esse país, agora, é um país que incorporou uma multidão de brasileiros. As demandas, eles vão querer saber porque e têm toda razão. Por que que

meu Posto de Saúde não está legal? Por que que a minha escola não está me dando um serviço? Por que que é que meu telefone não funciona? Por que que meu cartão de crédito é caro? Por que...? Todos os porquês que um cidadão consumidor tem direito nesse país.

E nós, e vocês empresários, vocês trabalhadores, nós governos estaduais, federais e municipais vamos ter de dar conta disso. Além de todas as complexidades, que é encaminhar um país desigual do ponto de vista social e do ponto de vista da renda, para diminuir essa desigualdade e, ao mesmo tempo, ampliar o desenvolvimento do país como um todo. Esse eu tenho certeza que é o nosso desafio. E eu confio que nós vamos enfrentar esse desafio se contarmos com cada um dos aqui presentes e dos outros 190 milhões que estão lá fora. Mas, aqui, está uma liderança, a liderança do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Eu quero dizer para vocês que eu acho muito importante esse fórum como fórum de crítica, sugestão e proposta para nós e para o Brasil. Nós temos essa missão em comum, e todos nós vamos passar, mas tenho certeza que vocês vão ajudar a gente a dar mais um passo na construção desse Brasil que nós queremos, todos aqui presentes. Um Brasil rico, socialmente mais igual em termos de oportunidade – as pessoas são diferentes, as oportunidades têm de ser muito similares – mas, sobretudo, um país que trabalha na sociedade do conhecimento, um país que hoje é reconhecido internacionalmente.

Para finalizar eu queria falar uma coisa para vocês: eu voltei da África, eu estive numa reunião que tinha 57 ou 58 países africanos, eu não tenho muita certeza qual é o número, tinha 54 entre presidentes e primeiro-ministros, e visitei a Nigéria. E quero dizer para os senhores que há uma oportunidade fundamental nos países africanos e uma expectativa muito forte em relação ao Brasil. E e aí eu falo do governo e dos senhores, dos empresários. Por quê? Porque a visão é que nós somos um país que, até pouco tempo, era... tinha problemas iguais aos deles e era igual a eles, e que está em outro patamar e que deu certo. E, portanto, as oportunidades de investimento e de participação são muito altas.

Vocês contem com o governo brasileiro para... nós iremos, de fato, ter uma política muito clara no governo em relação à África. A África, ela também tem, em relação a nós, toda uma ligação. Agora, nunca podemos esquecer o dado do Fundo Monetário: dos dez países que mais crescerão até 2022, ou seja, no ano dos nossos 200 anos, sete são africanos. Então, nós temos de ter consciência disso. Não tem por que, nós, que somos vistos... vários de vocês já estão lá. As empresas brasileiras – e aqui eu queria até fazer esse reconhecimento, de público –, elas têm uma ótima avaliação. Elas não são... elas... ninguém chega lá olhando de cima, todas as pessoas participam não só das suas atividades, mas nós temos esse hábito da mitigação ambiental e social, então lá o pessoal faz a mitigação ambiental e social, e mostra muito isso, a questão da cooperação Sul-Sul, que é uma cooperação baseada não na... quando você consegue... faz um investimento, você tem uma agenda oculta e você exige alguma coisa. A cooperação que todos eles consideram que é a melhor cooperação é a cooperação Sul-Sul porque é aquela cooperação em que os dois lados ganham e se discute de forma aberta.

Acredito, viu Luiza, na área de varejo, na área de fornecimento de bens. Um país com 160 milhões de habitantes e a renda do petróleo demanda tudo. Nós, quero dizer aos

senhores, nós temos um déficit de US\$ 7 bilhões, US\$ 7 bilhões. Nós temos todas as oportunidades de atender a demanda, resolver o problema do nosso déficit lá e, ao mesmo tempo, ajudar o país a se desenvolver e a população a melhorar de vida. Conto com os senhores na política externa do Brasil também. Em algum momento eu gostaria muito que este fórum se dirigisse à questão da política externa do Brasil, principalmente na área de investimentos e comércio.

Muito obrigada.